

## **Universidade do Minho**

Instituto de Letras e Ciências Humanas

Wang Xi

### **A metáfora conceptual nos provérbios portugueses e chineses: estudo comparativo**

Dissertação do Mestrado  
em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução,  
Formação e Comunicação Empresarial

Trabalho sob a orientação de:

**Professora Doutora Anabela Leal de Barros**  
**Professor Doutor José Sousa Teixeira**

Novembro 2019

## **DIREITOS DE AUTORA E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS**

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos. Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar a autora, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



**Atribuição-NãoComercial-SemDerivações**

**CC BY-NC-ND**

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus orientadores, Professora Doutora Anabela Leal de Barros, e Professor Doutor José Sousa Teixeira, pela toda a paciência, e pelas sugestões valorativas.

Ao Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, e à diretora do Instituto, Professora Sun Lam, pela oportunidade de formação académica no Programa de Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial.

Aos meus colegas e amigas da Universidade do Minho, particularmente à Wang Shuyuan, pela sua amizade e pelo seu apoio sempre que eu mais precisar.

Aos meus pais, Wang Fengge, e Liu Shuyan, pelo grande apoio económico e espiritual, pelo seu amor, e pela sua compreensão.

Um agradecimento especial à Universidade de Sun Yat-sen, onde me formei, pela a educação no estudo bem como no pensamento, que tem uma grande influência em mim, e que me ajuda sempre.

## **DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE**

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

# **A metáfora conceptual nos provérbios portugueses e chineses: estudo comparativo**

## **RESUMO**

*Provérbio* é uma oração completa, fechada e invariável, produzido e utilizado por determinada comunidade. A sua dimensão cultural e filosófica torna provérbio um alvo valorativo do estudo comparativo das culturas diferentes, neste caso, de Portugal e a China. A dimensão metafórica de provérbio torna-o um alvo valorativo do estudo metafórico.

A Teoria da Metáfora Conceptual trata metáfora como um mecanismo cognitivo, com o processo de apreender um domínio (*Alvo*) em termos de um outro domínio (*Fonte*). Segundo a instrução da filosofia — *experientialismo* (não existe a verdade absoluta, e o mundo é baseado na apreensão cognitiva humana que é constringida pelas experiências), metáfora é sempre dependente do *contexto*. Metáfora, como um mecanismo cognitivo, tem influência no pensamento e comportamento humano, a mesma função do provérbio.

Esperando promover a comunicação e a apreensão intercultural entre Portugal e a China, esta dissertação comparará e analisará a escolha da mesma ou diferente Fonte e Alvo pelos povos português e chinês nos provérbios portugueses e chineses, bem como a razão, o contexto, e a influência dessas escolhas, para comparar essas duas culturas. Por causa da pouca exploração na paremiologia comparada portuguesa e chinesa, esta dissertação também tentará a enriquecer este tema com a perspectiva sistemática da Linguística Cognitiva.

Palavras-chave: comparação de provérbio português e chinês, cultura, *Metáfora Conceptual*

## 中葡谚语里的概念隐喻:对比研究

### 摘要

谚语是一种被特定群体使用的完整且固定的语句，其文化性和哲学性使它成为文化对比（如本文中的中葡文化对比）领域中有价值的研究对象。由于谚语具有隐喻性，因而成为隐喻领域中有价值的研究对象。

概念隐喻理论是把隐喻看作具有用一种概念（源域）理解另一种概念（目标域）的过程的认知机制。在经验主义哲学的指导下（经验主义认为不存在绝对的真理，世界的基础是被人类经验限制的人类的认知理解），隐喻总是取决于特定的背景。作为一种认知机制，隐喻影响着人类的思想和行为方式。谚语也具有相同的作用。

为了促进中葡跨文化交流和理解，本文将对比和分析中葡谚语里对目标域和源域的选择，即中葡谚语中对特定目标域的隐喻性理解，以及选择特定隐喻的原因，背景及影响，以此对两国文化进行对比。由于中葡谚语对比研究领域仍很少被涉足，本文也将尝试系统地从事认知语言学角度对这一领域进行补充研究。

**关键词：**概念隐喻，文化，中葡谚语对比

# **The conceptual metaphor in Portuguese and Chinese Proverbs: comparative study**

## **ABSTRACT**

*Proverb* is a complete, closed, invariable sentence produced and used by a particular community. Its cultural and philosophical dimension makes it a valuable target for comparative study of the different cultures, in this case, Portugal and China. The metaphorical dimension of proverb makes it a valuable target of metaphorical study.

The Conceptual Metaphor Theory treats metaphor as a cognitive mechanism, with the process of apprehending one domain (*Target*) in terms of another domain (*Source*). According to the instruction of the philosophy —— *experientialism* (which believes that there is no absolute truth, and the world is based on human cognitive apprehension which is constrained by experiences), metaphor is always context dependent. Metaphor, as a cognitive mechanism, has influence on human thinking and behavior, the function which proverb also has.

Hoping to promote intercultural communication and apprehension between Portugal and China, this dissertation will compare and analyze the choice of Source as well as Target by the Portuguese and Chinese peoples in their proverbs, and the reason, context, and influence of these choices, to compare these two cultures. Because of the little exploration in Portuguese and Chinese comparative paremiology, this dissertation will also try to enrich this theme with the systematic perspective of Cognitive Linguistics.

**Keywords:** *Conceptual Metaphor*, culture, the comparison of Portuguese and Chinese proverb

# ÍNDICE

## CAPÍTULO

<b>I.....</b>	<b>1</b>
Introdução.....	1
1.1 Conceitos e características de <i>provérbio</i> e <i>yanyu</i> .....	2
1.2 A origem e as fontes literárias dos provérbios portugueses e chineses.....	4
1.3 Uma revisão de literatura da paremiologia comparada portuguesa e chinesa.....	6
1.4 Organização da dissertação.....	8

## CAPÍTULO

<b>II.....</b>	<b>9</b>
Metáfora Conceptual e Provérbio.....	9
2.1 O que é a metáfora?.....	10
2.2 Metáfora e metonímia.....	15
2.3 O experiencialismo ( <i>experientialism</i> ) e os fundamentos da metáfora.....	17
2.4 Contexto.....	18
2.5 A influência da metáfora.....	19
2.6 A classificação da metáfora.....	20
2.7 Metáfora e provérbio.....	24
2.8 Modos de analisar as metáforas nos provérbios.....	26

## CAPÍTULO

<b>III.....</b>	<b>28</b>
Análise das Metáforas Conceptuais nos Provérbios Portugueses e Chineses.....	28
3.1 Domínio marítimo.....	29
3.1.1 Mar e peixe.....	30
3.1.2 Mar e onda, vento e tempestade.....	31
3.1.3 A costa.....	32
3.1.4 Conceitos marítimos e conceitos-chave.....	33
3.2 Branco e preto.....	35
3.3 Cima-baixo e hierarquia valorativa.....	40

3.3.1 Cima-baixo ( <i>up-down</i> ) nas línguas chinesa e portuguesa.....	40
3.3.2 Lugar alto e lugar baixo.....	42
3.3.3 Estar acima e estar abaixo.....	42
3.3.4 Subir, descer, cair, levantar-se, (a)baixar-se e baixar.....	43
3.3.5 Base experiencial e contexto das metáforas de cima-baixo.....	44
3.3.6 A sociedade hierárquica.....	47
3.4 Grande e pequeno.....	52
3.5 Torto e direito.....	54
3.6 Conceitos-chave: tempo e vida.....	61

## Capítulo

<b>IV.....</b>	<b>67</b>
----------------	-----------

Conclusão.....	67
----------------	----

<b>Referência.....</b>	<b>70</b>
------------------------	-----------

<b>Anexo.....</b>	<b>74</b>
-------------------	-----------

## Índice de Figuras

Figura 1 - Estrutura do conceito com terminologia diferente por Lakoff & Johnson (1980) e Barcelona (2003a).....	11
Figura 2 - O processo de conceptualização metafórica.....	12
Figura 3 - Figura 1 de <i>Refining the Inheritance Hypothesis: Interaction between metaphoric and metonymic hierarchies</i> , Feyaerts, 2003: 65.....	13
Figura 4 - Relação entre metáfora e metonímia.....	16
Figura 5 - Tabela 2.1 de <i>Principles of Categorization</i> , Rosch, 1978: 7.....	21
Figura 6 - Classificação das metáforas.....	24
Figura 7 - Decomposição de PESSOA PERSEVERANTE É OURO VERDADEIRO.....	27
Figura 8 - Decomposição de OBSTÁCULO É FOGO.....	27
Figura 9 - Comparação dos domínios marítimos nos provérbios portugueses e chineses.....	34
Figura 10 - Resumo das metáforas relativas a branco e preto.....	40

Figura 11 - Equivalentes e aceções portuguesas de <i>up-down</i> e 上 <i>shàng</i> 下 <i>xià</i> .....	41
Figura 12 - Comparação de metáforas do tempo nos provérbios portugueses e chineses.....	63
Figura 13 - Comparação de metáforas sobre a vida nos provérbios portugueses e chineses.....	65

## **Índice de Imagens**

Imagem 1 - Ilustração de cima-baixo.....	42
Imagem 2 - Evolução da grafia do carácter chinês <i>zhèng</i> (正, n.d.).....	55
Imagem 3 - Grafia moderna de <i>wāi</i> (歪, n.d.).....	55
Imagem 4 - Grafias antigas do carácter chinês <i>qū</i> (曲, n.d.).....	56
Imagem 5 - Apresentação de dois conceitos espaciais de <i>Torto</i> e <i>Direito</i> .....	56

**Capítulo I**  
**Introdução**

## 1.1 Conceitos e características de *provérbio* e *yanyu*

Existem várias tentativas controversas de dilucidação do conceito de *provérbio* e, às vezes, até se observa certa ausência de tentativas, porque é complexo distinguir com exatidão *provérbio* de outros termos, tais como *adágio*, *aforismo*, *anexim*, etc. Porém, é necessário examinar os conceitos já existentes de *provérbio*, adotar uma definição nesta dissertação e, ao mesmo tempo, procurar uma designação em chinês que se conforme o melhor possível com este conceito de *provérbio*, a fim de os comparar e analisar conjuntamente.

Até mesmo os dicionários de autoridades oferecem definições obscuras de *provérbio*. Apenas emprestam outros sinónimos para definir *provérbio*, tal como se faz no *Diccionario Terminológico* (Arnau *et al.*, 1997: 689): *provérbio* é “máxima ou sentença moral ou didática, tanto de carácter erudito como popular”<sup>1</sup> e no *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (Guedes, 1996: 2093), “sentença moral, máxima expressa em poucas palavras; anexim; rifão”.

Claudia Xatara e Thais Succi (2008) propõem um conceito de *provérbio* depois de revisitarem os conceitos de *provérbio* propostos por leigos e especialistas:

Para nós *provérbio* é uma unidade léxica fraseológica fixa e, consagrada por determinada comunidade linguística, que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo, empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar (Xatara & Succi, 2008: 35).

Este conceito, que engloba a estrutura, a origem e a função do *provérbio*, é mais cuidadoso e mais ajustado no âmbito desta dissertação. De acordo com este conceito, em chinês, o conceito de 谚语 *yànyǔ* será aquele que mais se conforma com o de *provérbio*. Considerando a sua definição no 现代汉语规范词典 *Xiandai Hanyu Guifan Cidian* (Dicionário do Chinês Padrão Contemporâneo), 谚语 *yanyu* é “uma frase fixa divulgada pelo povo, numa linguagem popular e sucinta, expressando a verdade profunda que ressalta da experiência de vida”<sup>3</sup> (Li, 2004: 2378). Por isso, nesta dissertação, o termo *provérbio* será referido como 谚语 *yanyu* ou *provérbio* em chinês.

Combinando o conceito de *provérbio* oferecido por Xatara e Succi (2008) e o conceito de *provérbio* no

<sup>1</sup> “Máxima o sentença moral o didática, tanto de carácter erudito como popular”. TDA.

<sup>3</sup> “民间广泛流传的固定语句，用简短通俗的语言说出深刻的道理，是群众生活经验的结晶”. TDA.

*Xiandai Hanyu Guifan Cidian*, um provérbio terá de obedecer a pelo menos três critérios: a) ser uma oração completa, fechada e invariável; b) ser produzido e utilizado por determinada comunidade; c) conter conhecimentos ou sabedoria.

Tendo estabilizado os critérios de *provérbio*, pode-se examinar as suas características. Acima de tudo, o provérbio tem dimensão cultural. É verdade que os provérbios existem em todas as culturas. Enquanto alguns são equivalentes em culturas distantes, há uma quantidade grande de provérbios únicos em cada cultura. Os provérbios nascem da experiência do povo. Eles foram sendo produzidos por, e refletem também, a geografia, a tradição, a história, o valor do pensamento — enfim, todos os aspetos de uma cultura. Examinar provérbios portugueses e chineses é examinar as culturas que esses provérbios preservam.

O provérbio tem igualmente dimensão filosófica, porque os provérbios contêm sempre sabedoria ou conhecimentos, servem para orientar o pensamento do povo, e assim orientar o seu comportamento. Essa é também a função da filosofia. O provérbio, com a sua dimensão filosófica, influencia o pensamento e o comportamento dos seus utilizadores, por isso examinar os provérbios portugueses e chineses pode promover a compreensão mútua entre as duas culturas.

A língua tem a capacidade de preservar e transmitir informações, incluindo conhecimentos e sabedoria, e os provérbios, como uma forma especial da língua, levam essa capacidade ao limite, porque são omnipresentes no sentido do espaço bem como do tempo. O provérbio é utilizado com frequência em todos os lugares, pelo povo de todas as condições sociais, e é divulgado dentro de uma comunidade e até dentro de um país inteiro. Também tem forte vitalidade: nasceu numa determinada época e depois foi transmitido de geração em geração até hoje. Quando alguns deles caíram em desuso, muitos mais sobreviveram e ainda influenciam a geração atual. Como referem Xatara e Succi (2008: 36), o provérbio “esteve no passado, está no presente e acompanhará as futuras gerações”. Em suma, o provérbio é utilizado por todos os grupos da sociedade em todos os aspetos da vida, graças à sua duração bastante longa. Assim, o impacto dos provérbios é profundo e duradouro. Podem-se procurar as linhas de pensamento que têm influência profunda em certa cultura e interpretar os comportamentos das pessoas dessa cultura através do estudo dos seus provérbios.

O provérbio tem uma dimensão metafórica. Xatara e Succi (2008: 42) apontam que “o provérbio é um enunciado que utiliza muitas metáforas”. Han e Zheng (2016) também propõem que a compreensão e a transmissão dos provérbios normalmente se baseiam na metáfora. Esta característica torna o provérbio um

alvo apropriado para se estudar a metáfora.

Como o provérbio tem características culturais, filosóficas e metafóricas, estudar e comparar os provérbios portugueses e chineses pode permitir alcançar o objetivo de comparar as duas culturas e fortalecer a comunicação intercultural entre Portugal e a China.

## **1.2 A origem e as fontes literárias dos provérbios portugueses e chineses**

É difícil procurar a origem exata dos provérbios porque os seus autores normalmente são anónimos, ou são a coletividade em vez de indivíduos particulares. As outras razões possíveis desta situação são o facto de os provérbios não poderem "ser arquivados", pertencerem "a uma tradição oral" e irem-se perdendo "através do tempo" (Xatara & Succi, 2008: 36).

Quanto aos provérbios portugueses, verificar a sua origem tem uma dificuldade especial: é difícil certificar-se de que são de Portugal, não da Espanha, da Inglaterra ou da Itália, de que surgiram em Portugal originalmente. A barreira entre línguas românicas é bastante pequena, por causa da comunicação frequente dentro da Europa ao longo da história, seja em tempos de violência seja de paz. No caso de Portugal, a migração foi o acesso principal à comunicação intercultural: "a migração foi uma característica central da experiência portuguesa desde o final dos tempos medievais e continuou a ser uma influência dinâmica no século XXI"<sup>4</sup> (Birmingham, 1993: xiii). Assim, existem provérbios portugueses que podem ter origem em outros países e seria inútil, e mesmo impossível, distinguir com exatidão os provérbios que foram produzidos no território português dos que chegaram através de outros países da Europa ou do mundo.

No caso da China, as montanhas e os desertos separam o continente chinês do europeu, o que implicou um maior isolamento da China relativamente ao Ocidente durante a maior parte da história chinesa, impedindo a circulação ou divulgação dos provérbios ocidentais. A língua chinesa possui traços únicos relativamente às línguas da vizinhança, a sua barreira linguística em relação a outras línguas é maior, sendo, por isso, a tradução dos provérbios de outras línguas mais complexa, o que também dificultou a tradução direta dos provérbios de outros países na Antiguidade. Apesar disso, os provérbios chineses absorveram provérbios tibetanos, turcos e uigures, porque o povo chinês é de "integração pluralista" (Fei, 1988: 1)<sup>5</sup>; os habitantes de etnias como a Uigur e a Tibetana também

---

<sup>4</sup> "Migration had been a central feature of Portuguese experience since late medieval times and continued to be a dynamic influence in the twenty-first century". TDA.

<sup>5</sup> Na palestra académica Internacional *Tanner Lecture* realizada em 1988, o estudioso chinês Fei Xiaotong deu o discurso famoso sobre a situação da

pertencem à China, pelo que esses provérbios traduzidos do tibetano, do turco e do uigur também são considerados provérbios chineses. Todavia, mesmo que os autores exatos dos provérbios não possam ser encontrados, ainda se pode saber algo da sua origem geral, ou seja, do seu nascimento. A civilização da China é muito distante da civilização portuguesa, pelo que os provérbios portugueses e os chineses não compartilham uma história comum. O nascimento dos provérbios portugueses e chineses aconteceu separadamente.

Venclovská (2010) reviu a história dos provérbios ocidentais na sua obra, mas, descuidando o aspeto dos provérbios orientais, referiu-se apenas aos provérbios ocidentais quando mencionou essa realidade dos *provérbios*:

As primeiras fontes literárias dos provérbios datam do terceiro milénio onde aparecem nos Provérbios de Salomão (?-932 a.C.). Na antiguidade eram muito conhecidos na Grécia e Roma Antiga e muitos filósofos usavam-nos nos seus discursos (Venclovská, 2010: 11-12).

Com a Vitória do cristianismo a situação mudou. A Igreja, sendo um bom instrumento através do qual se promovia a cultura e a educação, usava bastante o texto escrito para fixar saberes. Mas muitas pessoas eram analfabetas e não sabiam ler. Por esta razão existiam provérbios típicos da sociedade letrada (...) O povo inculto usava os seus provérbios ligados à vida no campo (Venclovská, 2010: 12).

Segundo Venclovská (2010) as fábulas também são a fonte principal dos provérbios ocidentais.

De acordo com Yixi (2017), estudos acerca da origem dos provérbios chineses são muito raros. Crê-se que, no início, o conteúdo dos provérbios chineses se centrava principalmente na agricultura e no clima, e foi Cui Shi quem pela primeira vez incluiu os provérbios na sua obra 四民月令 *Simin Yueling* (158-166 d.C.). Fu Jianrong (2018) refere que os provérbios já apareciam na dinastia Xia (2070 a.C.-1600 a.C.). A prova é que nos clássicos, como *Mêncio* (aprox. 200 a.C.), existem frases tais como “o provérbio de Xia diz que (...)”<sup>7</sup> (Mêncio, 2017: 47), e os seus conteúdos são sobre sabedoria política.

Os provérbios chineses nasceram com a civilização chinesa. Porém, os primeiros livros de provérbios chineses só apareceram na dinastia Song (960-1279). Os livros são 释长谈 *Shi Chang Tan*, de Gong Yizheng (?), e 古今谚 *Gujin Yan*, de Zhou Shouzhong (aprox. 1220). Na dinastia Ming (1368-1644), há

---

integração pluralista do povo chinês, em chinês: 中华民族的多元一体格局.

<sup>7</sup> “夏谚曰”. TDA.

古今谚 *Gujin Yan*, de Yang Shen (1543); na dinastia Qing (1636-1912), 古谣谚 *Guyao Yan*, de Du Wenlan (1861) e 古谚谈 *Guyan Tan*, de Zeng Tingmu (?). Na modernidade, publicaram-se 俗语考源 *Suyu Kaoyuan*, de Li Jiantang (1937), 中华谚海 *Zhonghua Yanhai*, de Shi Xiangzai (1993), 俗语词典 *Suyu Cidian*, de Xu Zongcai e Ying Junling (1994), etc. Muitos deles contêm interpretações e citações de cada provérbio, em vez de apenas os listarem.

Um dos primeiros livros de provérbios portugueses é *Adágios Portugueses Reduzidos a Lugares Communs* pelo Padre António Delicado (1651). Também no século XVII, D. Francisco Manuel de Mello escreveu *Feira de Anexins*. Na modernidade, vários dicionários ou livros de provérbios portugueses foram publicados, tais como *O Grande Livro dos Provérbios* de José Pedro Machado (1996), o *Dicionário de Provérbios, Adágios, Ditados, Máximas, Aforismos e Frases Feitas*, da Porto Editora (2014), e *Dicionário de Provérbios Francês Português Inglês* de Roberto Cortes de Lacerda, Helena da Rosa Cortes de Lacerda e Estela dos Santos Abreu (2000). As fontes literárias são inumeráveis, mas são poucos os livros que oferecem o significado de cada provérbio.

Comparando as fontes literárias dos provérbios portugueses e chineses, pode-se ver que as fontes dos provérbios chineses têm mais interpretações de cada provérbio do que as fontes portuguesas. A falta de interpretação organizada dos provérbios portugueses leva a dificuldades de decodificação e estudo dos mesmos, sobretudo por parte de investigadores de línguas maternas diferentes, como é o nosso caso. Também revela um problema cultural do ocidente sugerido por Xatara e Succi (2008): a falta de proteção do legado tradicional.

### **1.3 Uma revisão de literatura da paremiologia comparada portuguesa e chinesa**

A Paremiologia é o estudo dos provérbios, e preocupa-se especialmente em coligir e classificar os provérbios (Xatara & Succi, 2008). A Paremiologia Comparada é “a ciência que procura estabelecer a relação entre provérbios de diferentes línguas e culturas” (Venclovská, 2010: 19). Portugal e a China, como países distantes, têm línguas e culturas tão diferentes que os estudos da paremiologia comparada portuguesa e chinesa são muito escassos.

No tocante aos provérbios portugueses e chineses, foram os padres portugueses (e alguns europeus sob a égide do padroado português), a partir do século XVI, e de Macau, no âmbito dos

Descobrimientos e da pregação da religião cristã, os primeiros a buscar equivalentes e a colocar em contacto e contraponto a civilização chinesa e a portuguesa no tocante à fraseologia, para o que contribuiu muito em particular o sinólogo oitocentista Joaquim Afonso Gonçalves, com um capítulo que lhe dedica na sua gramática e manual para o ensino do chinês e do português (Gonçalves, 1829; Barros, 2014; Barros e Ng, 2014; Barros e Ng 2017).

Nas 59 publicações em chinês sobre o assunto da paremiologia comparada, só uma envolve provérbios portugueses e chineses, que é a obra de Han Ying e Zheng Shanpei (2016): *Dificuldades na tradução de provérbios chineses e portugueses*<sup>15</sup>, na qual se oferece uma visão geral, mas não aprofundada, das características dos provérbios, sugerindo-se que essas características implicam dificuldades de tradução.

Quanto a publicações recentes em português, há três dissertações publicadas na Universidade do Minho: *Contributos para o estudo contrastivo de provérbios e idiomatismo em português e chinês: as obras metalinguísticas de Joaquim Afonso Gonçalves*, de Mao Yaqi (2018), *Provérbios com Animais em Chinês e Português: Estudo Contrastivo*, de Lv Qifeng (2018), e *Provérbios e Expressões Idiomáticas em Português e Chinês*, de Liu Mengru (2012).

Mao (2018) examinou os equivalentes ou a tradução dos provérbios chineses na obra do Padre Joaquim Gonçalves, estudando os fatores culturais presentes na constituição desses provérbios e referindo-se às diferenças culturais entre Portugal e a China.

Lv (2018) comparou especificamente os provérbios portugueses e chineses com animais nos aspetos semântico, prosódico e lexical, tendo discutido o contexto sociocultural dos provérbios correspondentes.

Liu (2012) examinou cuidadosa e completamente a terminologia afim de *provérbio*, *idiomatismo*, 熟语 *shúyǔ* e 谚语 *yànyǔ*, bem como o processo de formação ou desenvolvimento dos provérbios portugueses e chineses, e prestou atenção à relação entre *metáfora*, *provérbio* e *expressão idiomática*.

O domínio da paremiologia comparada portuguesa e chinesa ainda se acha pouco explorado. Falta, por exemplo, a perspetiva sistemática da Linguística Cognitiva. Embora Liu (2012) tente aplicar a teoria da Linguística Cognitiva no *Capítulo 5* do seu trabalho, intitulado *Metaforização e Cognição*, a sua ilustração da metáfora conceptual não é completa nem inteiramente correta: ainda aborda a metáfora como “uma figura de pensamento” (Liu, 2012: 82), pertencente às “figuras de retórica” (p. 82), o que releva mais da visão tradicional do que da cognitiva; acreditava-se que a metáfora só se baseava nas

---

<sup>15</sup> “中葡谚语互译中存在的困难”. TDA.

similaridades, ignorando as correlações. Assim, a sua tentativa de oferecer uma perspetiva cognitiva na análise dos provérbios portugueses e chineses, embora inspirada, tem limitações.

Esta dissertação, tendo por objetivo enriquecer o estudo da paremiologia comparada portuguesa e chinesa, apresentará uma tentativa nova de comparar as culturas portuguesa e chinesa através do exame das metáforas nos provérbios portugueses e chineses, aplicando sistematicamente a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC).

#### **1.4 Organização da dissertação**

Neste Capítulo, o conceito, os critérios e as características de *provérbio* foram abordados; a origem e as fontes literárias dos provérbios portugueses e chineses foram apresentados e os estudos acerca da paremiologia comparada portuguesa e chinesa foram examinados.

No Capítulo II apresentar-se-á a teoria da metáfora conceptual – o enquadramento teórico desta dissertação, bem como a sua aplicação aos provérbios, serão ilustrados sistematicamente.

No Capítulo III, as metáforas dos temas identificados nos provérbios portugueses e chineses serão comparadas e analisadas.

No Capítulo IV figurará a conclusão, na qual também se identificarão algumas limitações desta dissertação e possíveis linhas de trabalho futuro.

**Capítulo II**  
**Metáfora Conceptual e Provérbio**

A visão tradicional da metáfora concebe-a como uma palavra ou frase decorativa, como “um dispositivo da imaginação poética e um floreio retórico”<sup>16</sup> (Lakoff & Johnson, 1980: 4) dispensável na vida. Alguns teóricos da linguística objetivista<sup>17</sup> sugerem mesmo eliminar essa figura de linguagem do mundo científico para garantir a precisão e a imparcialidade. Contudo, George Lakoff e Mark Johnson introduziram a teoria da Metáfora Conceptual (ou Metáfora Cognitiva) na sua obra *Metaphors We Live By* em 1980, e muitos linguistas cognitivos e outros estudiosos de outras áreas começaram a desenvolvê-la. Este capítulo lançará um olhar detalhado sobre a Teoria da Metáfora Conceptual através da ilustração e da explicação das afirmações neste domínio, e também apontará a relação entre metáfora e provérbio.

## 2.1 O que é a metáfora?

Segundo Teixeira (2013), os seres humanos, a fim de aumentar as suas hipóteses de sobrevivência, têm de organizar economicamente tudo aquilo que experienciam em modelos informativos e armazená-los na mente, para os utilizar no futuro. “Economicamente” significa que o cérebro humano não vai construir um armazém por cada experiência diferente, mas põe as experiências da mesma categoria no mesmo armazém. Contudo, os armazéns são limitados, enquanto as categorias podem ser ilimitadas, pelo que as categorias posteriores serão apreendidas com base nas categorias já armazenadas. Isto é, o sistema conceptual, na maioria das vezes, consiste em apreender uma coisa (nova) através de outra coisa (já apreendida).

“A essência da metáfora é entender e experimentar um tipo de coisa em termos de outra”<sup>18</sup> (Lakoff & Johnson, 1980: 6), e o sistema conceptual funciona, na maioria das vezes, da mesma maneira. Por isso pode-se dizer que o sistema conceptual “é fundamentalmente metafórico na natureza”<sup>19</sup> (Lakoff & Johnson, 1980: 4) e conseqüentemente, “o conceito é estruturado metaforicamente”<sup>20</sup> (Lakoff & Johnson, 1980: 6), ou seja, a metáfora é o conceito estruturado metaforicamente.

Antes de dar uma definição mais rigorosa de metáfora, examinemos mais uma vez, cuidadosamente, a estruturação da noção de conceito.

---

<sup>16</sup> “A device of the poetic imagination and the rhetorical flourish”. TDA.

<sup>17</sup> A Linguística Cognitiva segue o paradigma científico do *experientialismo* que contrapõe ao objetivismo clássico. O experientialismo acredita que a verdade é a apreensão humana constrangida pelas experiências humanas quando o objetivismo trata a verdade como desligada da subjetividade individual.

<sup>18</sup> “The essence of metaphor is understanding and experiencing one kind of thing in terms of another”. TDA.

<sup>19</sup> “Is fundamentally metaphorical in nature”. TDA.

<sup>20</sup> “The concept is metaphorically structured”. TDA.

Os nossos conceitos “são caracterizáveis como *gestalts* multidimensionais”<sup>21</sup> (Lakoff & Johnson, 1980: 123). As pessoas organizam as experiências recorrentes com base nos seus aspetos mais importantes para elas. Estes aspetos foram denominados as “dimensões” das experiências por Lakoff e Johnson (1980), e o conjunto experiencial estruturado pelas dimensões é a “*gestalt* experiencial”. Lakoff e Johnson (1980) também referiram as *gestalts* experienciais como *categorias*, e os seus aspetos (ou dimensões) como *subcategorias*. Barcelona (2003a) referiu o conceito como um “domínio experiencial” e os seus aspetos como *subdomínios*.

<b>Gestalts experienciais / Categoria</b>	<b>Domínio experiencial</b>
Aspeto / Dimensão / Subcategoria I	Subdomínio I
Aspeto / Dimensão / Subcategoria II	Subdomínio II
Aspeto / Dimensão / Subcategoria III	Subdomínio III
.....	.....
Por Lakoff & Johnson	Por Barcelona

Figura 1. Estrutura do conceito com terminologia diferente por Lakoff & Johnson (1980) e Barcelona (2003a)

Existe uma parte significativa dos conceitos que não é metafórica. Estes conceitos não metafóricos são as categorias armazenadas inicialmente na mente humana, como já foi mencionado. Estão “diretamente relacionados com a nossa experiência sensorial, baseados na nossa experiência física”<sup>22</sup> (Grady, 1997: 140), tal como “dor”, “fome”, “calor”, etc. Os conceitos não metafóricos tornam-se fonte primária dos conceitos metafóricos: “a compreensão metafórica é fundamentada na compreensão não metafórica”<sup>23</sup> (Lakoff, 1992: 240). Assim, os conceitos não metafóricos são conhecidos como *conceitos de fonte primária (primary source concepts)*. “Todos os conceitos de fonte primária têm conteúdos imagéticos” (*image content*) (Grady, 1997: 140), e “são relacionados com os nossos objetivos e comportamentos intencionais”<sup>24</sup> (Grady, 1997: 144).

Para além dos conceitos relacionados diretamente com a experiência sensorial, ou seja, conceitos de fonte primária, os restantes são metafóricos. Enquanto o conceito não metafórico só envolve um domínio experiencial (ou *gestalt* experiencial), o conceito metafórico envolve dois: um domínio experiencial já apreendido, chamado *domínio fonte (source domain)*, e um domínio experiencial para apreender, chamado *domínio alvo (target domain)* (Barcelona, 2003a). O mecanismo da metáfora é o

<sup>21</sup> “Are characterizable as multidimensional *gestalts*”. TDA.

<sup>22</sup> “Are directly related to our sensory experience, based in our physical experience”. TDA.

<sup>23</sup> “Metaphorical understanding is grounded in nonmetaphorical understanding”. TDA.

<sup>24</sup> “All primary source concepts have image content”, “they are related to our goals and purposeful behaviors”. TDA.

domínio fonte projetado ou mapeado no domínio alvo. Esta operação, ou *mapeamento* (*mapping*), é parcial e unidirecional.

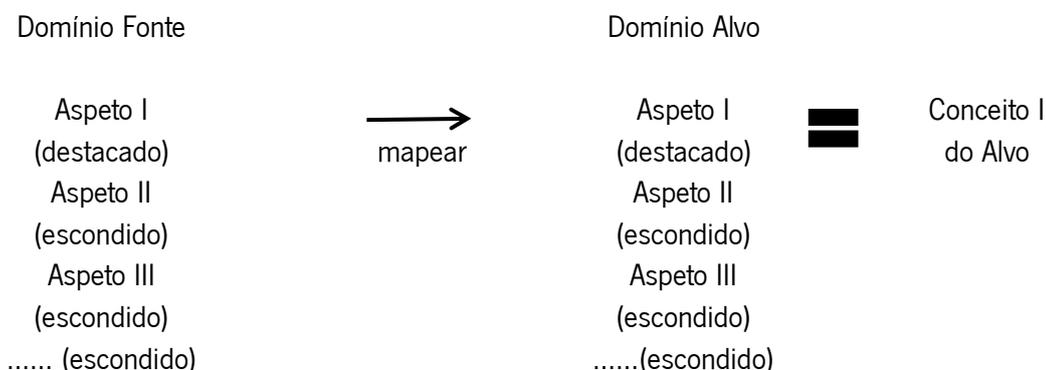


Figura 2. O processo de conceptualização metafórica

A figura 2 mostra a formação de um dos conceitos do domínio alvo: um aspeto do domínio Fonte (Aspeto Fonte I) está mapeado em um aspeto do domínio Alvo (Aspeto Alvo I), formando-se um conceito do Alvo (Conceito I). Também existirão outros conceitos (conceito II, conceito III...) do mesmo Alvo, se aspetos diferentes forem mapeados. E este *mapeamento* é parcial, não total. Não se podem mapear todos os aspetos do domínio Fonte em todos os aspetos do domínio Alvo, porque se o *mapeamento* fosse total, um conceito iria ser, na verdade, o outro<sup>25</sup> (Lakoff & Johnson, 1980: 14). Por causa da parcialidade do *mapeamento* conceptual, alguns dos aspetos (escolhidos) do conceito metafórico são destacados e os outros aspetos (não escolhidos) são escondidos. No caso da Figura 2, o Aspeto I é destacado e o resto é escondido no conceito I do Alvo.

Na figura 2, a flecha é unidirecional, evidenciando que “somente a Fonte é projetada no domínio Alvo, e o domínio Alvo não é mapeado ao mesmo tempo no domínio Fonte” (Barcelona, 2003a: 6). “Projeções metafóricas bidirecionais simultâneas não existem”<sup>26</sup> Barcelona, 2003a: 6). É a unidirecionalidade da metáfora.

Neste momento, há duas questões a que precisamos de responder antes de dar uma definição de metáfora: a) o que é a base de projeção dos conceitos metafóricos e b) qual é a relação hierárquica entre Alvo e Fonte? Ambas as questões são ainda controversas.

Para a discussão da base de projeção metafórica, há duas posições: uma vota na “semelhança”, a

<sup>25</sup> “One concept would actually be the other”. TDA.

<sup>26</sup> “Only the source is projected onto the target domain, and the target domain is not at the same time mapped onto the source domain”, “simultaneous bidirectional metaphorical projections do not exist”. TDA.

outra na “correlação”. Lakoff e Johnson (1980) defenderam a sua posição em *Metaphors We Live By*: “metáforas conceituais fundamentam-se em correlações dentro da nossa experiência. Essas correlações experienciais podem ser de dois tipos: coocorrência experiencial e similaridade experiencial”<sup>27</sup> (Lakoff & Johnson, 1980: 156). Lakoff (1992) exprimiu mais uma vez o seu ponto de vista na obra *The Contemporary Theory of Metaphor*: “a metáfora baseia-se principalmente em correspondências na nossa experiência, e não na similaridade”<sup>28</sup> (p. 241). Grady (1997) também argumentou que as metáforas se baseiam na correlação e não na semelhança.

Feyaerts (2003), que examinou cuidadosamente a relação entre metáfora e metonímia, concluiu que a metáfora se centra na semelhança e a metonímia na contiguidade:

	<b>metaphor</b>	<b>metonymy</b>
<b>function of conceptual relationship</b>	“imagistic reasoning”	referential shift
<b>nature of conceptual relationship</b>	similarity	contiguity

Figura 3 (figura 1 de *Refining the Inheritance Hypothesis: Interaction between metaphoric and metonymic hierarchies*, Feyaerts, 2003: 65)

Contudo, a posição de Feyaerts (2003) também admite que todas as metáforas têm base metonímica (o que será discutido mais adiante neste capítulo), do que se infere que as metáforas se baseiam igualmente na contiguidade. Lakoff e Johnson (1980) também não negam totalmente a parte da semelhança, admitindo que “as metáforas podem ser baseadas na semelhança”<sup>29</sup> (p. 154). Assim, por agora a posição apropriada é que as metáforas são baseadas na correlação e / ou na semelhança.

Acerca de relação hierárquica entre Alvo e Fonte, podem achar-se ideias diferentes nas definições diferentes de *metáfora*. Lakoff e Johnson (1980: 110) descreveram o mecanismo metafórico da seguinte maneira: “Os conceitos menos delineados (e geralmente menos concretos) são parcialmente

<sup>27</sup> “Conceptual metaphors are grounded in correlations within our experience. These experiential correlations may be of two types: experiential co-occurrence and experiential similarity”. TDA.

<sup>28</sup> “Metaphor is mostly based on correspondences in our experience, rather than on similarity”. TDA.

<sup>29</sup> “Metaphors can be based on similarities”. TDA.

compreendidos em termos dos conceitos mais claramente delineados (e geralmente mais concretos)<sup>30</sup>. Teixeira (2013: 207) refere-se-lhe da seguinte forma: "A metáfora é, para a Linguística Cognitiva (...) encarada como a forma recorrente como conceitualizamos o mundo: do já conhecido para o desconhecido, do mais saliente para o que se quer salientar".

As duas afirmações partem do princípio de que os domínios Fonte são, geralmente, mais conhecidos, mais salientes, mais concretos, e delineados mais claramente do que os domínios Alvo. Liu (2012: 77) também afirmou que os domínios Fonte são "relativamente simples" e os domínios Alvo são "mais profundos". Todas as afirmações, na maioria das situações, são corretas, mas não são corretas em todas as situações. Grady (1997: 28), que estudou as metáforas primárias, argumentou que "a complexidade e a familiaridade dos conceitos primários de Alvo e conceitos primários de Fonte são praticamente iguais"<sup>31</sup>, e as metáforas são mapeadas "não de conceitos de níveis mais baixos para níveis mais elevados, mas entre conceitos fundamentais de diferentes tipos"<sup>32</sup> (Grady, 1997: 135). Barcelona (2003a) também não apontou a hierarquia entre Fonte e Alvo na sua definição da metáfora:

A metáfora é o mecanismo cognitivo pelo qual um domínio experiencial é parcialmente "mapeado", isto é, projetado, em um domínio experiencial diferente, de modo que o segundo domínio é parcialmente compreendido em termos do primeiro (...). Ambos os domínios devem pertencer a domínios subordinados diferentes (Barcelona, 2003a: 3).<sup>33</sup>

Embora, às vezes, a relação de Alvo e Fonte nas metáforas mostre a hierarquia na complexidade, tal não acontece em todas as situações. Além disso, a familiaridade do Alvo e da Fonte pode ser trocada. Por exemplo, o conceito de *tigre* é mais conhecido na antiguidade da China, mas na modernidade da China as pessoas raramente têm experiências com tigres, mas têm experiências frequentes com a emoção do amor, que é um conceito mais complexo e menos concreto do que o conceito de *tigre*. Neste caso, a familiaridade de Fonte e Alvo trocou-se, e a familiaridade e a complexidade são inversamente proporcionais.

Tendo esclarecido as questões acerca da estruturação metafórica, ofereço aqui a definição de *metáfora* baseada no conceito de Barcelona (2003a): A metáfora é o mecanismo cognitivo pelo qual um domínio experiencial e multidimensional (domínio Fonte) é parcialmente mapeado em um domínio experiencial

---

<sup>30</sup> "The less clearly delineated (and usually less concrete) concepts are partially understood in terms of the more clearly delineated (and usually more concrete concepts)". TDA.

<sup>31</sup> "The complexity and familiarity of primary target concepts and primary source concepts are pretty much equal". TDA.

<sup>32</sup> "Not from lower-level to higher-level concepts, but between very fundamental concepts of different sorts". TDA.

<sup>33</sup> "Metaphor is the cognitive mechanism whereby one experiential domain is partially 'mapped', i.e. projected, onto a different experiential domain, so that the second domain is partially understood in terms of the first one ... Both domains have to belong to different subordinate domains". TDA.

multidimensional (domínio Alvo) diferente, com base nas suas correlações e/ou similaridades, a fim de se compreender o domínio Alvo em termos do domínio Fonte.

## 2.2 Metáfora e metonímia

Um problema complexo é a distinção de *metáfora* e *metonímia*, porque a metonímia também envolve dois domínios experienciais e possui a função de apreender parcialmente um domínio experiencial em termos de outro. Muitos linguistas cognitivos discutiram este assunto e propuseram as suas próprias teorias.

Lakoff e Johnson (1980) apontam que a função principal da metáfora é a apreensão e a função da metonímia é a função referencial. Feyaerts (2003) também referiu (como se pode ver na figura 3) as funções diferentes da metáfora e da metonímia, bem como a base diferente da projeção metafórica. Contudo, isso não funciona como critério para distinguir os dois conceitos.

Nas definições de *metáfora* e *metonímia* dadas por Barcelona (2003a), a única diferença é se os dois domínios experienciais pertencem ao mesmo domínio comum.

A metáfora é o mecanismo cognitivo pelo qual um domínio experiencial é parcialmente "mapeado", isto é, projetado, em um domínio experiencial diferente, de modo que o segundo domínio é parcialmente compreendido em termos do primeiro (...) Ambos os domínios devem pertencer a domínios subordinados diferentes (Barcelona, 2003: 3) (ver nota de rodapé 24 na página 15).

A metonímia é uma projeção conceptual pela qual um domínio experiencial (o alvo) é parcialmente compreendido em termos de outro domínio experiencial (a fonte) incluído no mesmo domínio experiencial comum<sup>34</sup> (Barcelona, 2003: 4).

Na definição de *metonímia*, Kövecses (2015: 20) também menciona que os dois conceitos na metonímia “estão no mesmo quadro ou modelo cognitivo idealizado”<sup>35</sup>. O critério para distinguir *metáfora* e *metonímia* — que os domínios experienciais da metáfora pertencem a domínios diferentes e os domínios experienciais da metonímia pertencem a domínio comum — é aceite pelos linguistas cognitivos.

Este critério indica a relação entre metáfora e metonímia: “toda a metáfora tem uma base metonímica” (Teixeira, 2013: 209).

---

<sup>34</sup> “Metonymy is a conceptual projection whereby one experiential domain (the target) is partially understood in terms of another experiential domain (the source) included in the same common experiential domain”. TDA.

<sup>35</sup> “Are in the same frame, or idealized cognitive model”. TDA.

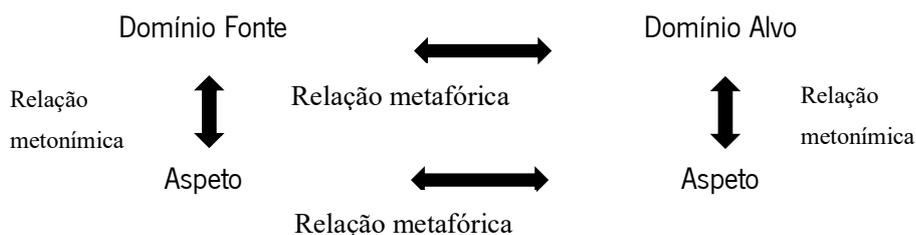


Figura 4. Relação entre metáfora e metonímia

A relação entre um domínio e os seus aspetos (subdomínios) é metonímica e vertical; se se diz que ASPETO É DOMÍNIO, é a metonímia. A relação entre os aspetos (subdomínios) de domínios diferentes é metafórica e horizontal; se se diz que DOMÍNIO ALVO É DOMÍNIO FONTE, é a metáfora. Ou seja, a “metáfora baseia-se em um ou mais *mapeamentos* metonímicos”<sup>36</sup> (Barcelona, 2003b: 51), e “o simples facto de se classificar determinado domínio experiencial (...) de uma perspetiva específica pode ser considerado legitimamente como uma operação metonímica”<sup>37</sup> (Barcelona, 2003b: 38).

Contudo, este critério leva a um problema novo: como distinguir o que é um mesmo domínio e entre domínios diferentes? Feyaerts (2003) referiu que “traçar fronteiras distintas em torno de um domínio reflete sempre uma intervenção arbitrária de um observador externo”<sup>38</sup> (Feyaerts, 2003: 62); o critério de classificação dos domínios depende de pessoas, por isso pode ser diferente, controverso e obscuro. Para este problema, Barcelona (2003a) renovou a sua posição e acrescentou que os domínios Fonte e Alvo da metáfora têm de ser dois domínios separados que foram classificados consciente e convencionalmente por determinada cultura.

Mesmo assim, o critério da distinção entre *metáfora* e *metonímia* não pode ser considerado absoluto. Quando dois domínios não são classificados claramente como o mesmo ou diferentes, a relação dos mesmos “cai em algum lugar no meio do *continuum*” (Lakoff & Johnson, 1980: 86), ou seja, às vezes não se pode verificar se a declaração A É B é uma metáfora ou uma metonímia (A POR B): pode ser uma metáfora bem como uma metonímia, tal como o caso de “certos objetos ou processos representando situações complexas (...) podem ser usados como metáforas generalizadas”<sup>39</sup> (Wildgen, 1994: 124).

<sup>36</sup> “Metaphor is based on one or more metonymic mappings”. TDA.

<sup>37</sup> “The mere fact of classifying a given domain of experience ... from a specific perspective can be regarded legitimately as a metonymic operation”. TDA.

<sup>38</sup> “Drawing distinct boundaries around a domain always reflects an arbitrary intervention by an external observer”. TDA.

<sup>39</sup> “Certain objects or processes stand for complex situations ... can thus be used as generalized metaphors”. TDA.

### 2.3 O experiencialismo (*experientialism*) e os fundamentos da metáfora

Existem duas filosofias principais sobre as bases científicas de explicar o mundo: o objetivismo e o subjetivismo. A primeira acredita que a explicação do mundo se baseia nos factos externos, dependendo da cognição humana, enquanto a segunda crê que o mundo se baseia nas opiniões individuais ou pessoais. Lakoff e Johnson (1980) ofereceram uma alternativa nova, a crença de que o mundo é baseado na apreensão cognitiva humana, e de que, ao mesmo tempo, a apreensão é constrangida pelas experiências — o experiencialismo.

A parcialidade dos conceitos é uma prova de que não existe verdade absoluta no mundo. A estruturação de um conceito envolve os aspetos escolhidos — os aspetos considerados importantes e cognitivamente mais destacados, e “os processos de cognição são sempre processos de filtragem e não de espelhamento” (Teixeira, 2013: 204). Por isso os conceitos ou as realidades são sempre filtradas ou sofrem sempre a interferência das cognições pessoais. Assim, o experiencialismo nega a existência da verdade objetiva absoluta:

Não acreditamos que exista tal coisa como verdade objetiva (absoluta e incondicional) (...). Acreditamos que a ideia de que há absoluta verdade objetiva não é apenas equivocada, mas perigosa social e politicamente.<sup>40</sup> (Lakoff & Johnson, 1980: 160).

O experiencialismo acredita que a verdade é uma apreensão, tal como o subjetivismo, mas, ao contrário do subjetivismo, também acredita que esta apreensão tem restrições. As restrições são as experiências, porque o fundamento dos conceitos (metafóricos ou não) é a experiência.

Entendemos a nossa experiência diretamente quando a vemos como sendo estruturada de forma coerente em termos de *gestalts* que surgiram diretamente da interação com e no nosso ambiente. Entendemos a experiência metaforicamente quando usamos uma *gestalt* de um domínio de experiência para estruturar a experiência em outro domínio.<sup>41</sup> (Lakoff & Johnson, 1980: 231).

Os conceitos que conceptualizamos são experiências recorrentes na vida. A conceptualização de uma experiência é baseada nas experiências anteriores. A decodificação ou apreensão de uma metáfora é determinada pelas experiências: “o significado que uma metáfora terá para mim será parcialmente

---

<sup>40</sup> “We do not believe that there is such a thing as objective (absolute and unconditional) truth, ... We believe that the idea that there is absolute objective truth is not only mistaken but socially and politically dangerous”. TDA.

<sup>41</sup> “We understand our experience directly when we see it as being structured coherently in terms of *gestalts* that have emerge directly from interaction with and in our environment. We understand experience metaphorically when we use a *gestalt* from one domain of experience to structure experience in another domain”. TDA.

determinado, cultural e parcialmente ligado às minhas experiências passadas”<sup>42</sup> (Lakoff & Johnson, 1980: 143). A cultura, que é formada pelas experiências passadas da coletividade juntamente com as experiências do indivíduo, determina a apreensão da metáfora pelo recetor.

Em suma, a perspectiva da metáfora conceptual é baseada na filosofia do experiencialismo, que ilustra ao mesmo tempo os fundamentos da metáfora: as realidades são a compreensão (metáforas) com base nas nossas experiências.

## 2.4 Contexto

Como já foi discutido, para a Linguística Cognitiva não existe a verdade absoluta. Uma realidade só é verdade em determinada situação (ou contexto). Isto é, a metáfora depende do contexto. Kövecses (2015) salientou que a função do contexto é importante na produção, bem como na apreensão, da metáfora, e resumiu os fatores contextuais na sua obra *Where Metaphors Come From*. Lakoff e Johnson (1980) também ilustraram alguns fatores contextuais. Eis uma lista completa de fatores contextuais extraídos das suas obras:

a) Ambiente físico: circunstâncias físicas, arranjo de visualização, propriedades salientes, a geografia particular, paisagem, fauna e flora, residências, outras pessoas; (Lakoff & Johnson, 1980: 147; Kövecses, 2015: 57, 100)

b) Situação social: condição social (sexo, classe social, educação, profissão, pertença a grupo social etc.); (Lakoff & Johnson, 1980: 147; Kövecses, 2015: 57-59)

c) Situação cultural: os valores e as características dominantes dos membros de um grupo, e as principais ideias ou conceitos que governam as suas vidas impostos por líderes políticos, líderes religiosos, líderes de negócios, anunciantes, os *media*, etc.; (Lakoff & Johnson, 1980: 160; Kövecses, 2015: 57-59, 182)

d) História: memórias de eventos acontecidos no passado de uma sociedade, de um grupo ou de um indivíduo; (Lakoff & Johnson, 1980: 143; Kövecses, 2015: 13, 52, 57-59)

e) Interesses e preocupações de utilizadores ou criadores de metáforas; (Lakoff & Johnson, 1980: 165; Kövecses, 2015: 12, 52, 57-59)

f) A ideologia. (Kövecses, 2015: 59, 182)

---

<sup>42</sup> “The meaning a metaphor will have for me will be partly culturally determined and partly tied to my past experiences”. TDA.

Por causa dos fatores acima apresentados, a criação e a decodificação de metáforas não apenas variam de cultura para cultura, mas também podem variar de pessoa para pessoa. Portanto, o contexto torna-se um instrumento para compreender a diferença entre as metáforas em culturas diferentes; assim, a metáfora torna-se um instrumento significativo para estudar a cultura de uma ou mais comunidades linguísticas.

## **2.5 A influência da metáfora**

A metáfora, enquanto mecanismo cognitivo, recebe a influência quotidiana das formas de pensamento e, conseqüentemente, dos modos de comportamento. As metáforas podem determinar e “criar realidades” (Lakoff & Johnson, 1980) para os seus utilizadores, considerando que os conceitos se baseiam em metáforas.

As metáforas podem criar realidades para nós, especialmente realidades sociais. Uma metáfora pode, assim, ser um guia para ações futuras. Tais ações, naturalmente, encaixam-se na metáfora. Isto, por sua vez, reforçará o poder da metáfora para tornar a experiência coerente.<sup>43</sup> (Lakoff & Johnson, 1980: 157).

Mesmo que uma pessoa nunca venha a ter a experiência do domínio Alvo na sua vida, tendo experimentado o domínio Fonte ainda pode conceber o domínio Alvo, de acordo com a metáfora ALVO É FONTE, e comportar-se em consonância com ele. Se a pessoa adota uma metáfora diferente, o seu valor sobre o domínio Alvo mudará e, conseqüentemente, o seu comportamento será diferente.

A metáfora ajuda as pessoas a compreender as experiências complexas e a alcançar o conhecimento de uma coisa sem realmente a experimentar, o que lhes facilita a vida. A metáfora também pode guiar as ações futuras das pessoas (Lakoff & Johnson, 1980: 157), tal como a filosofia, até formar rituais e tradições.

Contudo, como vários linguistas cognitivos ilustraram, a influência significativa da metáfora pode ser perigosa. Com a sua parcialidade, a realidade criada pela metáfora esconde sempre alguns aspetos enquanto destaca outros (Lakoff & Johnson, 1980: 12). A metáfora força as pessoas a focar-se apenas nos aspetos destacados (Lakoff & Johnson, 1980: 158); é sempre produzida em determinado contexto (Kövecses, 2015: 199), o que significa que contém os valores dos outros, encaixa em situações e épocas específicas, podendo, pois, ser enganadora — a realidade mostrada pela metáfora pode ser

---

<sup>43</sup> “Metaphors may create realities for us, especially social realities. A metaphor may thus be a guide for future action. Such actions will, of course, fit the metaphor. This will, in turn, reinforce the power of the metaphor to make experience coherent”. TDA.

falsa para as outras pessoas. O valor da metáfora às vezes é imposto às pessoas por grupos poderosos (Lakoff & Johnson, 1980: 160-161). O contexto do criador de uma metáfora muitas vezes é diferente do contexto do recetor ou utilizador da mesma, e sem se aperceberem disso, as pessoas podem ver limitados e controlados os seus pensamento, bem como os seus comportamentos.

## 2.6 A classificação da metáfora

Lakoff e Johnson (1980) classificaram as metáforas em *metáforas não sistemáticas* e *metáforas sistemáticas*. As metáforas não sistemáticas não se reduzem à definição de *metáfora conceptual* mencionada, são isoladas da vida, por isso são valorizadas como “morte”. Assim, caem fora da área de discussão da teoria da metáfora conceptual. Para as metáforas sistemáticas, os linguistas cognitivos propuseram categorizações diferentes segundo critérios distintos.

Lakoff e Johnson (1980) classificaram as metáforas sistemáticas em três categorias. *Metáfora estrutural* (*structural metaphor*), *metáfora orientacional* (*orientational metaphor*), e *metáfora ontológica* (*ontological metaphor*).

A metáfora estrutural corresponde a um conceito estruturado metaforicamente em termos de outro conceito, podendo-se ilustrar com a forma ALVO É FONTE, tal como DISCUTIR (Alvo) É LUTAR (Fonte).

A metáfora orientacional resulta de se “organizar um sistema de conceitos uns em relação aos outros”<sup>44</sup> (Lakoff & Johnson, 1980: 15). Isto é, dar a um conceito uma orientação espacial, tal como “*up-down, in-out, front-back, on-off, deep-shallow, central-peripheral*” (Lakoff & Johnson, 1980: 15). Estas orientações espaciais resultam dos corpos humanos e das suas funções no ambiente físico. As expressões envolvidas na metáfora orientacional são comuns na língua inglesa, como observaram detalhadamente Lakoff e Johnson (1980), classificando a metáfora orientacional como uma categoria diferente da metáfora estrutural. Contudo, na essência, a metáfora orientacional também é uma metáfora estrutural. É metáfora estrutural com um dos dois conceitos a ser a orientação espacial, e pode ser descrita como ALVO É ORIENTAÇÃO ESPACIAL, tal como *HAPPY* (Alvo) *IS UP* (orientação espacial)<sup>45</sup>.

A metáfora ontológica também é um caso especial de metáfora estrutural. Resulta de se tratarem as experiências não físicas (eventos, atividades, emoções, ideias, etc.) como entidades ou substâncias

---

<sup>44</sup> “Organizes a whole system of concepts with respect to one another”. TDA.

<sup>45</sup> “*HAPPY IS UP*” foi a metáfora na língua inglesa proposta por Lakoff e Johnson na sua obra *Metaphors We Live By*.

confinadas pelas superfícies, e pode ser apresentada como EXPERIÊNCIA NÃO FÍSICA É ENTIDADE. Um caso de metáfora ontológica é a personificação. A classificação das metáforas por Lakoff e Johnson (1980) pode ser revista deste modo: todas as metáforas vivas são estruturadas sistematicamente e podem ser ilustradas na forma de ALVO É FONTE; metáfora orientacional e metáfora ontológica são casos especiais de metáfora estrutural (metáfora viva).

Um outro caso especial de metáfora é a metáfora do contentor (*the container metaphor*). Isto é, as pessoas veem certas coisas como contentores com fronteiras: ALVO É CONTENTOR. Lakoff e Johnson (1980) introduziram a metáfora do contentor sob a parte da metáfora ontológica, mas ainda mencionam que as pessoas também veem as substâncias, além das experiências não físicas, como contentores, e referem-nas com orientação de “em e fora” tal como a expressão “fora de casa”, pois a metáfora do contentor não pertence à metáfora ontológica. Há um caso especial de metáfora do contentor chamado *metáfora do canal (the conduit metaphor)*, que foi identificada por Michael Reddy em 1979. Reddy (1979) refere que as palavras são vistas como contentores, porque pensamentos, sentimentos, significados, etc., são os seus conteúdos, e a língua transfere os conteúdos dos contentores como um canal: escritores e falantes “inserir” os conteúdos nos contentores; ouvintes e leitores “extraem” os conteúdos para fora dos contentores. Grady (1997), entretanto, identificou um tipo de metáfora, parecido com a metáfora do contentor, chamado a *metáfora da área (the area metaphor)*, defendendo que as pessoas percebem as coisas como áreas com fronteiras – ALVO É ÁREA. O uso da designação *domínio experiencial* pelos linguistas cognitivos é um exemplo de metáfora da área.

Além de classificar as metáforas segundo as suas estruturas, outro critério é a hierarquia de níveis de conceptualização entre Fonte e Alvo. Rosch (1978) dividiu as categorias dos conceitos em três níveis: o nível superordenado, o nível básico e o nível subordinado. Na figura 5 apresenta-se um exemplo da sua categorização do conceito.

Superordinate	Basic Level	Subordinate
Furniture	Chair	Kitchen chair
		Living-room chair
	Table	Kitchen table
		Dining-room table
	Lamp	Floor lamp
		Desk lamp

Figura 5 (Tabela 2.1 de *Principles of Categorization*, Rosch, 1978: 7)

Lakoff (1992) sugeriu que a metáfora baseada em *mapeamento* entre as categorias do nível superordenado é a metáfora do nível genérico, e que o *mapeamento* entre as categorias do nível básico corresponde apenas a exemplos ou casos especiais de metáforas do nível genérico. Argumentou que, se se mapear o amor como um carro, também se pode mapear o amor como um avião ou um comboio, porque a estruturação é a mesma. Contudo, o problema desta classificação é que a generalização é relativa, e a sua hierarquia tem mais de três níveis. Os conceitos como “teorias” e “prédios” são considerados como do nível superordenado por Lakoff (1992), enquanto Grady (1997) os considera do nível básico, sendo os seus níveis superordenados “organização” e “estrutura física”. Todos concordam que as metáforas mais básicas são derivações ou exemplos das metáforas mais genéricas. Neste caso, a classificação das metáforas torna-se uma questão de decompor as mais genéricas ou generalizar as mais básicas.

Grady (1997) introduziu um tipo de metáfora que não se pode generalizar mais: a *metáfora primária* (*primary metaphor*). Referiu-se a metáforas primárias como “metáforas que têm uma base experiencial direta e que desencadeiam conjuntos de dados altamente previsíveis”<sup>46</sup> (p.47-48). Segundo Grady (1997), a Fonte primária é caracterizada pelas representações cognitivas das perceções diretas do mundo, enquanto o Alvo primário é o tipo básico de julgamentos e reações. Outras metáforas são combinações de metáforas primárias, denominadas *metáforas complexas* (*complex metaphor*).

Segundo as bases para as metáforas, Grady (1997) classificou as metáforas em dois tipos: metáforas com base na similaridade e metáforas com base na correlação. O primeiro tipo envolve “a semelhança” (*the resemblance*) e a metáfora de GENÉRICO É ESPECÍFICO (*GENERIC IS SPECIFIC*). “A semelhança” é que os dois conceitos são mapeados com base nos seus traços partilhados, e por isso envolve duas categorias: a metonímia e a metáfora da imagem (*the image metaphor*). Os conceitos numa metonímia partilham aspetos comuns porque pertencem a um domínio comum. A metáfora da imagem, introduzida por Lakoff (1992) como sendo mapear uma só imagem numa outra imagem, baseia-se nos traços físicos comuns.

Turner e eu temos chamado à relação entre uma estrutura específica de conhecimento e a sua estrutura de nível genérico a metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO. É um mecanismo extremamente comum para compreender o geral em termos do específico.<sup>47</sup> (Lakoff, 1992: 231)

---

<sup>46</sup> “Metaphors which have a direct experiential basis, and which motivate highly predictable sets of data”. TDA.

<sup>47</sup> “Turner and I have called the relation between a specific knowledge structure and its generic-level structure the GENERIC IS SPECIFIC metaphor. It is an extremely common mechanism for comprehending the general in terms of the specific”. TDA.

Como ilustrado acima, um caso específico é mapeado em um caso geral porque partilham os mesmos conhecimentos. As metáforas baseadas na correlação incluem as metáforas primárias, de acordo com Grady (1997), e as suas derivações.

Finalmente, segundo o critério da novidade da metáfora, Lakoff e Johnson (1980) classificaram as metáforas em *metáforas convencionais* (*conventional metaphors*) e *metáforas novas* (*new metaphors / novel metaphors / imaginative metaphors*). As metáforas convencionais são “metáforas que estruturam o sistema conceptual comum na nossa cultura”<sup>48</sup> (Lakoff & Johnson, 1980: 140) e são usadas na língua quotidiana, como por exemplo A VIDA É UMA VIAGEM que usamos nas expressões “Como vais? Os caminhos da vida, as metas da vida”. As metáforas novas, por sua vez, não estruturam o sistema conceptual comum e têm como função redefinir a realidade.

Se uma metáfora nova entrar no sistema conceptual em que baseamos as nossas ações, ela alterará esse sistema conceptual e as percepções e ações a que o sistema dá origem. Grande parte da mudança cultural surge da introdução de novos conceitos metafóricos e da perda dos antigos<sup>49</sup> (Lakoff & Johnson, 1980: 146).

Isso significa que as metáforas convencionais podem ter sido metáforas novas no passado, e as metáforas novas podem tornar-se metáforas convencionais ao longo do tempo. A classificação das metáforas de acordo com a sua novidade requer sempre o contexto cultural e temporal. Embora as metáforas novas não sejam tão comuns como as metáforas convencionais, também não são raras: as “extensões de metáforas convencionais, metáforas de nível genérico e metáforas da imagem”<sup>50</sup> (Lakoff, 1992: 233) podem ser consideradas como novas metáforas.

A figura 6 mostra uma classificação das metáforas (depois de modificada e reorganizada pela autora) que procura resumir vários processos metafóricos.

---

<sup>48</sup> “Metaphors that structure the ordinary conceptual system of our culture”. TDA.

<sup>49</sup> “If a new metaphor enters the conceptual system that we base our actions on, it will alter that conceptual system and the perceptions and actions that the system give rise to. Much of cultural change arise from the introduction of new metaphorical concepts and the loss of old ones”. TDA.

<sup>50</sup> “Extensions of conventional metaphors; Generic-level metaphors; image metaphors”. TDA.

Critério	Classificação	
A base	Metáfora baseada em similaridade	A semelhança: metonímia, metáfora da imagem
		Genérico é Específico
	Metáfora baseada em correlação	Metáfora primária
		Metáfora complexa
A complexidade	Metáfora primária	
	Metáfora complexa	Metáfora de nível genérico
		Metáfora do nível básico
A estrutura	Metáfora orientacional	
	Metáfora ontológica	
	Metáfora do contentor	Metáfora do canal, metáfora da área
	...	
A novidade	Metáforas convencionais	
	Metáforas novas	Metáfora de nível genérico
		Metáfora da imagem
	Extensões de metáfora convencional	

Figura 6. Classificação das metáforas

## 2.7 Metáfora e provérbio

“Como a comunicação é baseada no mesmo sistema conceptual que usamos no pensamento e na ação, a linguagem é uma importante fonte de evidências de como é esse sistema”<sup>51</sup> (Lakoff & Johnson, 1980: 4). Assim, pode-se examinar o sistema da metáfora, e conseqüentemente os pensamentos e estruturas mentais das pessoas, através dos provérbios. Examinar os provérbios através de metáforas pode ajudar na interpretação dos provérbios, e vice-versa.

Metáfora e provérbio têm uma relação íntima. A maioria dos provérbios são metáforas do tipo GENÉRICO É ESPECÍFICO, porque normalmente tentam passar certos conhecimentos ou certa

<sup>51</sup> “Since communication is based on the same conceptual system that we used in thinking and acting, language is an important source of evidence for what that system is like”. TDA.

sabedoria através de casos específicos e usam as situações específicas para representar situações gerais. Por exemplo, o provérbio chinês 吃水不忘挖井人 *Chī shuǐ bù wàng wājǐng rén* (*Quando você beber água, lembre-se do homem que cavou o poço*) tenta ilustrar, através de um caso específico, a sabedoria geral de que as pessoas não devem esquecer quem deu o seu contributo quando desfrutam dos benefícios. O caso específico de “beber água” é usado para representar o caso genérico de “desfrutar dos benefícios”, e o caso específico de “cavar o poço” é usado para representar o caso genérico de “dar um contributo”. A interpretação metafórica dos provérbios está parcialmente dependente da capacidade de extrair a sua estrutura de nível genérico (Lakoff, 1992).

Além disso, muitos provérbios transportam conceitos metafóricos que se baseiam em estruturas metafóricas, tal como os provérbios com animais normalmente se baseiam na metáfora ANIMAL É HOMEM. Algumas metáforas são provérbios ao mesmo tempo, tal como o provérbio universal (possível) “Tempo é dinheiro” e o provérbio português “Viver é lutar”.

Contudo, nem todos os provérbios se baseiam em GENÉRICO É ESPECÍFICO ou veiculam conceitos metafóricos. Os conhecimentos de alguns provérbios são específicos, são os próprios provérbios, ou seja, estes provérbios têm significados literais. Este tipo de provérbio normalmente trata da agricultura, tal como os provérbios portugueses “a inverno chuvoso verão abundoso” e “ano de nevão, ano de pão”. Os provérbios transmitem frequentemente as ocorrências naturais e não se usam como metáforas de outra situação. Não têm sempre significados metafóricos. Os conceitos de *ano*, *verão*, *nevão*, *pão* também têm apenas significados literais nestes provérbios. Nesta dissertação, os provérbios que só têm significados literais são considerados como *provérbios literais*, mas o objetivo desta dissertação é examinar os provérbios não literais. Assim, a designação — *os provérbios* — nesta dissertação, dirá respeito habitualmente aos provérbios não literais.

Provérbio e metáfora partilham algumas características. Ambos têm o seu fundamento experiencial, e por isso variam de cultura para cultura. Ambos são produzidos em determinado contexto, e devem ser interpretados no contexto. Finalmente, ambos têm influência no pensamento e no comportamento das pessoas.

Certas formas de discurso podem adquirir um estatuto dominante em uma comunidade. Quando isso acontece, a metáfora usada ou baseada nesse discurso pode-se difundir tanto temporal como espacialmente.<sup>52</sup> (Kövecses, 2015:

---

<sup>52</sup> “Certain forms of discourse can acquire dominant status in a community. When this happens, the metaphor used in or based on this discourse can

A popularidade dos provérbios garante a duração e a extensão das metáforas por eles veiculadas e que estruturam o pensamento e o comportamento das pessoas, por isso os provérbios fortalecem a influência das metáforas.

A relação íntima entre provérbios e metáforas e as suas características partilhadas determinam a estruturação teórica do estudo comparativo das metáforas nos provérbios portugueses e chineses — numa perspetiva de metáfora cognitiva.

## 2.8 Modos de analisar as metáforas nos provérbios

Os provérbios geralmente têm duas formas: só as Fontes são mostradas em provérbios como 吃水不忘挖井人 *Chī shuǐ bù wàng wājǐngrén* (*Quando beber água, lembre-se do homem que cavou o poço*), e tanto as Fontes como os Alvos se revelam em provérbios como “Tempo é dinheiro”. Para analisar os provérbios da primeira fórmula (só com a Fonte), primeiramente devem-se extrair as metáforas e decompor os domínios de Fonte e Alvo em vários aspetos, e depois mapear os aspetos com correlações ou similaridades. Se as metáforas extraídas são muito específicas, podem generalizar-se com metáforas mais genéricas e depois fazer a decomposição. Para a segunda forma (com Fonte e Alvo), o modo de análise é o mesmo, exceto pelo facto de não ser preciso extrair as metáforas dos provérbios.

Por exemplo, para analisar o provérbio chinês 真金不怕火 *Zhēnjīn bù pà huǒ* (*Ouro verdadeiro não tem medo de fogo*), primeiramente, de acordo com o conhecimento ilustrado no provérbio, é preciso extrair as metáforas PESSOA PERSEVERANTE É OURO VERDADEIRO e OBSTÁCULO É FOGO, e em seguida decompor o domínio experiencial de “ouro verdadeiro” e “pessoa perseverante”, bem como “fogo” e “obstáculo”:

Nível superordenado:	Objeto	Pessoa
	Domínio Fonte: ouro verdadeiro	Domínio Alvo: pessoa perseverante
Aspetos	Firmeza: é difícil alterar a aparência	Perseverança: É difícil mudar a crença
	O valor económico	O valor moral

Figura 7. Decomposição de PESSOA PERSERVANTE É OURO VERDADEIRO

Nível superordenado:	objeto	evento
	Domínio Fonte: fogo	Domínio Alvo: obstáculo
Aspetos	periculosidade	Dificuldade, sofrimento
	Capacidade de destruir alguma coisa	Capacidade de desgastar algumas pessoas

Figura 8. Decomposição de OBSTÁCULO É FOGO

Como mostrado na Figura 7, a perseverança da pessoa perseverante corresponde à firmeza do ouro verdadeiro, e o valor moral da pessoa perseverante corresponde ao valor económico do ouro verdadeiro. Assim se forma a metáfora PESSOA PERSERVANTE É OURO VERDADEIRO. O *mapeamento* da metáfora OBSTÁCULO É FOGO pode ser analisado da mesma maneira. Assim, o provérbio 真金不怕火 *Zhēnjīn bù pà huǒ* (*Ouro verdadeiro não tem medo de fogo*) pode ser interpretado como: a pessoa perseverante não tem medo de obstáculos, porque tem capacidade para os vencer.

O objetivo principal desta dissertação não é interpretar os provérbios ou discutir a sabedoria por eles veiculada, mas sim comparar e analisar a escolha da mesma ou de diferente Fonte e Alvo pelos povos português e chinês, bem como a razão, o contexto e a influência dessas escolhas. A decomposição de metáforas mostra quais são os aspetos destacados para determinar uma metáfora numa cultura específica, e assim identificar a razão da escolha de uma Fonte para um Alvo. Comparar os aspetos escolhidos da mesma Fonte nos provérbios portugueses e chineses é comparar a cognição de *Fonte* na cultura portuguesa e chinesa; comparar as Fontes escolhidas para o mesmo Alvo nos provérbios portugueses e chineses é comparar a cognição de *Alvo* na cultura portuguesa e chinesa. A cognição diferente em contextos diferentes leva ao comportamento diferente – este sistema é a cultura.

**Capítulo III**

**Análise das Metáforas Conceptuais**  
**nos Provérbios Portugueses e Chineses**

Seguindo a teoria da metáfora conceptual apresentada no Capítulo II, este capítulo comparará e analisará domínios experienciais dos conceitos metafóricos com certos temas diferentes nos provérbios portugueses e chineses, incluindo o *mapeamento*, os aspetos destacados dos domínios experienciais, bem como as bases experienciais, os contextos e os resultados ou as influências das metáforas desses domínios experienciais. Depois de consultar o dicionário de provérbio chinês 俗语词典 *Suyu Cidian* (*Dicionário de Suyu*) (Xu & Ying eds., 2011) bem como o dicionário de provérbio português *O Grande Livro dos Provérbios* (Machado, org., 2011), a autora desta dissertação escolheu os provérbios com conceitos metafóricos que existem em ambas as línguas. É impossível ilustrar todos os conceitos metafóricos partilhados pelos provérbios portugueses e chineses nesta dissertação, pois a autora escolheu os seguintes conceitos metafóricos que são mais representativos e ilustrativos para este estudo: os domínios marítimos — mar, peixe, onda, vento, tempestade, costa, navegação e leme; as cores — branco e preto; os domínios orientadores - cima e baixo, e as suas extensões — grande e pequeno; torto e direito; tempo, e vida (conceitos abstratos e fundamentais). Pode-se ver as informações (fonte e significado) dos provérbios mencionados nesta dissertação em Anexo desta dissertação.

### **3.1 Domínio marítimo**

Cada civilização é construída na terra que lhe é própria. As condições geográficas determinam o ambiente a que foram expostos os humanos primitivos e o tipo das suas atividades e dos seus povoados. Essas experiências ancestrais determinam as suas cognições e comportamentos. Gradualmente, a cultura foi-se formando assim.

Portugal, situado na região ocidental da Península Ibérica, possui uma costa extensa e bons portos no Oceano Atlântico. Não sendo as suas condições naturais especialmente propícias à agricultura nas zonas montanhosas, a pesca tornou-se uma atividade económica significativa desde épocas muito remotas. A interação dos primeiros habitantes com o mar, no território português, tornou-se frequente.

A China situa-se no leste do continente asiático e a oeste do Oceano Pacífico, possuindo igualmente uma costa muito extensa. A civilização chinesa nasceu na zona do Rio Amarelo e do Rio Yangtze, gozando de um clima adequado e de grandes planícies para a agricultura. Embora também exista a

atividade da pesca, a vida da maioria dos chineses primitivos era dependente do rio, e não do mar. Contudo, também existiam habitantes costeiros, com uma interação diária com o mar.

Assim, ambos os países tiveram experiências marítimas desde tempos remotos, e esta experiência foi-se refletindo nos provérbios e idiomatismos, redefinindo-se através das metáforas nessa fraseologia.

### **3.1.1 Mar e Peixe**

“O mar que é mar nem sempre dá, hoje não dá, amanhã haverá.”

Neste provérbio português, o mar acha-se personificado e a metáfora do alvo mar será esta: MAR É FORNECEDOR. Esta metáfora tem por base a experiência da pesca. Para os pescadores, o peixe é o seu abastecimento, pescar é pedir o (re)abastecimento ao fornecedor, e capturar peixe com sucesso é o processo através do qual o fornecedor concede ou entrega o abastecimento aos pescadores. Esta redefinição do mar destaca os seus recursos, ou seja, o peixe ou pescado, e a sua importância económica e alimentar. O peixe torna-se, assim, domínio fonte de “interesse”. No provérbio português “Cada um puxa a brasa à sua sardinha”, que significa que cada um defende os seus interesses, a metáfora é a seguinte: INTERESSE É SARDINHA. A sardinha é um dos principais espécimes de peixe marinho capturados na costa portuguesa (Proença, 2015: 46). Antigamente, os pobres “recorriam às brasas dos candeeiros que serviam de iluminação doméstica” (Vale, 2015: 22) e retiravam-nas para assar as sardinhas. A sardinha era um elemento central no que dizia respeito ao interesse fundamental dos pobres: a sobrevivência. Daí que a sardinha, o peixe, sejam usados para resumir e representar os interesses das pessoas. A função alimentar do peixe é destacada.

海阔凭鱼跃 *Hǎi kuò píng yú yuè* (*O peixe pode saltar à vontade no mar vasto*)

Este provérbio chinês dá a entender que as pessoas podem usar os seus talentos em qualquer lugar do mundo. As metáforas são: MUNDO É MAR, PESSOA É PEIXE. O peixe mora no mar é mapeado nas pessoas, que moram no mundo. O comportamento do peixe — saltar — é mapeado no comportamento da pessoa ao usar o seu talento. A vastidão do mar é destacada.

久经沧海难为水 *Jiǔjīng cānghǎi nán wéi shuǐ* (*Quem tem larga experiência de mar não será*

*atraído pela água)*

O provérbio significa que quem viu o mundo não se importa com as pequenas coisas. A metáfora é: MUNDO É MAR. A vastidão e a complexidade do mundo são mapeadas na vastidão e na complexidade do mar. Por isso a vastidão bem como a complexidade do mar são destacadas.

Os diferentes aspetos escolhidos de mar e peixe nos provérbios das duas línguas revelam os ambientes físicos e as experiências diversas dos dois países. A pesca era a atividade principal dos habitantes de Portugal junto ao mar, por isso a sua cognição do mar e do peixe associa-se com benefício e economia; os chineses tinham menos interação com o mar, por isso a cognição do mar não era específica, era o resultado de observar e de imaginar o mar a uma grande distância, sem interação frequente.

### ***3.1.2 Mar e onda, vento e tempestade***

“Grande mar, grande tormenta.”

“Quem se sujeita ao mar sujeita-se à tormenta.”

Os provérbios portugueses reparam nos perigos do mar e revelam a metonímia MAR POR TORMENTA. O mar é representado pelo seu aspeto: a tormenta dos navegadores durante a navegação no mar. Esta metonímia vem da experiência das dificuldades enfrentadas pelos navegadores portugueses. Portugal liderou a expansão ultramarina da Europa no século XV e XVI, a fim de relançar a sua economia. Lançou ao mar muitas frotas para explorar novas terras. Os marinheiros deparavam com um clima imprevisível e mutável, tal como a tempestade agitando as ondas grandes, a falta de alimento, que causa também doenças, tais como o escorbuto, e muitos outros perigos desconhecidos que matam. Graças a esta experiência, os perigos do mar são frequentemente usados como Fonte de obstáculos, dificuldades e desafios da vida nos provérbios portugueses: “Conhece-se o marinheiro quando vem a tempestade”, que significa que se pode avaliar a capacidade de uma pessoa diante dos desafios; “Nas ondas do mar se criam peixes que nadam bem”, que significa que a capacidade das pessoas aumenta nas dificuldades, e “Uma onda se vai e outra vem”, que significa que os obstáculos da vida aparecem constantemente. Nos provérbios mencionados, a metáfora é DESASTRE / DIFICULDADE / DESAFIO (da vida) É ONDA/TEMPESTADE (do mar).

苦海无边, 回头是岸 *Kǔhǎi wú biān, huítóu shì àn* (*Mar amargo é sem limites, se volta, é a costa lá*)

O provérbio chinês também mostra os perigos do mar. A metáfora é: SOFRIMENTO É MAR. Este provérbio foi produzido no contexto religioso. Originalmente significa que se alguém se converte ao budismo e desperta (abandona o desejo) pode evitar o sofrimento humano, o samsara, e alcançar o estado de nirvana. Os budistas acreditam que toda a gente sofre por causa do samsara, o ciclo de nascimentos e renascimentos ditado pelo karma, e a origem deste sofrimento é a ignorância da natureza das coisas. Por causa da ignorância, as pessoas buscam sempre, persistentemente, e têm desejos gananciosos. A única maneira de se libertar do samsara é praticar a doutrina do budismo para abandonar os desejos e a persistência. Gradualmente o seu significado modificou-se: se os pecadores se arrependem e expiarem os seus pecados, terão uma vida nova. O limite do mar é mapeado no término do sofrimento, e porque o mar é sem limites, o sofrimento nunca acaba; o sentido de afogamento no mar é mapeado no sentido de sofrimento das pessoas. Os ventos fortes e as ondas responsáveis pelos perigos do mar também são usados como Fonte de dificuldades, desafios e desastres da vida. São disso exemplos: 会行船的, 不怕大风大浪 *Huì xíng chuán de, bù pà dàfēng-dàlàng* (*Quem sabe navegar não tem medo de ventos fortes e ondas grandes*); 浪里知船, 难中知友 *Làng lǐ zhī chuán, nán zhōng zhī yǒu* (*Conhece-se o barco na onda, conhece-se o amigo na dificuldade*); e 无风不起浪 *Wú fēng bù qǐ làng* (*Não há ondas sem vento*), que significa que os eventos negativos têm as suas razões.

### **3.1.3. A costa**

Nos provérbios chineses, enquanto o mar é Fonte de perigos e sofrimento, a costa é Fonte de segurança e salvação. No provérbio mencionado, 苦海无边, 回头是岸 *Kǔhǎi wú biān, huítóu shì àn* (*Mar amargo é sem limites, se volta, é a costa lá*), a costa é a salvação dos humanos sofredores e dos pecadores. No provérbio 撑船撑到岸, 助人助到底 *Chēng chuán chēng dào àn, zhù rén zhù dào dǐ* (*Conduza o barco até à costa, ajude a pessoa até ao fim*), chegar à costa, como destino da

navegação, é mapeado em ajudar a pessoa até a pessoa estar a salvo. A função do destino e a segurança da costa são destacadas.

Ao contrário da metáfora de dar à costa nos provérbios chineses, em alguns provérbios portugueses chegar à costa significa desastres ou falhas. Por exemplo, no provérbio “Barco de muitos mestres dá sempre à costa”, *dar à costa* significa 'naufragar nos baixios da costa'. O provérbio significa que, se uma coisa é empreendida por demasiadas pessoas, o resultado falha sempre. A compreensão diferente da costa vem dos seus diferentes aspetos escolhidos. Os provérbios chineses focam-se na função de destino da costa, e na sua segurança em comparação com o mar, revelando que os chineses valorizam mais a terra; os provérbios portugueses centram-se no facto de a costa impedir o movimento do barco, o que revela a importância da navegação para os portugueses.

### **3.1.4 Conceitos marítimos e conceitos-chave**

Ambas as culturas usam conceitos marítimos para compreender os conceitos-chave nos provérbios.

“A vida humana sem religião é viagem sem roteiro, é navegação sem bússola.”

Neste provérbio, as metáforas são: VIDA É NAVEGAÇÃO, RELIGIÃO É BÚSSOLA. A duração da navegação é mapeada na duração da vida, o movimento da embarcação é mapeado na passagem do tempo, e os eventos acontecidos durante a navegação são mapeados nos eventos acontecidos na vida. A função da bússola de fornecer a direção é mapeada na orientação religiosa da vida humana.

“Mulher sem marido, barco sem leme.”

Neste provérbio, a relação de marido e mulher é compreendida através do barco. A metáfora é: MARIDO É LEME e MULHER É BARCO. O controlo do leme sobre o barco é mapeado no controlo do marido sobre a sua mulher.

把舵的不慌, 乘船的人才能稳当 *bǎ duò de bù huāng, chéng chuán de rén cái néng wěndāng*  
(Só se a pessoa que controla o leme não entrar em pânico é que as outras pessoas no barco ficarão estáveis)

Neste provérbio chinês, as metáforas são LÍDER DA COMUNIDADE É CAPITÃO DO BARCO, POVO É PASSAGEIRO DO BARCO. O capitão que conduz o barco na navegação é mapeado como o líder que conduz o povo. A diferença entre esta metáfora e a metáfora VIDA É NAVEGAÇÃO no provérbio português é que a navegação, nesta metáfora, serve mais para apresentar o movimento da sociedade, porque em sociedade há governantes e líderes bem como povo, assim como no barco há capitães, marinheiros e passageiros. O movimento da sociedade é mapeado no movimento do barco.

Pode-se observar a comparação integral dos conceitos marítimos nos provérbios portugueses e chineses na figura 9.

Domínios marítimos	Domínios metafóricos: aspetos destacados (Portugal)	Domínios metafóricos: aspetos destacados (China)
Mar	Fornecedor (Fonte): recursos do mar	O país, mundo (Alvo): vastidão do mar
	Sofrimento (Alvo): os perigos do mar	
Peixe	Interesse (Alvo): função de alimentar	
	Pessoas (Alvo): têm vida e comportamento	
Ondas, vento, tempestades	Eventos ruins, dificuldades, desafios, obstáculos (Alvo): o perigo para os navegantes	
Costa	Falha (Alvo): impedir o movimento do barco	Destino, salvação (Alvo): não há perigos no mar
Navegação	Vida (Alvo): tem duração, eventos e movimento.	Movimento da sociedade (Alvo): conter o capitão e marinheiros, movimento no mar.
Leme	Marido (Alvo): controla o barco	Líder (Alvo): conduz o barco

Figura 9. Comparação dos domínios marítimos nos provérbios portugueses e chineses

Os portugueses e os chineses têm experiência marítima desde tempos remotos, contudo, devido à geografia diferente, as suas experiências marítimas variam, e as suas cognições dos conceitos marítimos não são totalmente iguais. A economia dos chineses antigos não dependia do mar, antes era dependente da terra; o mar, para os chineses antigos, era grande, perigoso e misterioso, por isso não alimentaram o propósito de o explorar durante longo tempo. O mar, para os habitantes da terra portuguesa, mostrava-se atrativo, fonte de novidade, e tinha grande valor económico, por isso valia a pena explorá-lo e conquistá-lo, apesar dos perigos. Esta cognição resultou na exploração e navegação constantes do mar na história de Portugal.

### 3.2 Branco e preto

Existe uma valorização que discrimina as cores tanto nos provérbios portugueses como chineses, principalmente da cor branca e da preta. Esta discriminação de branco e preto nas duas culturas tem consistência: branco é bom, preto é mau.

白马不挂黑纓, 好人不受污蔑 *Báimǎ bù guà hēiyīng, hǎorén bù shòu wūmiè* (Cavalo branco não pendura fita preta, pessoa boa não aceita a difamação)

“Água preta não dá peixe.”

“Mãos brancas não magoam.”

Nos provérbios mencionados, a cor branca é Fonte de bondade, enquanto a cor preta é Fonte de maldade: “cavalo branco” é mapeado como “pessoa boa”, “fita preta” é mapeada como “difamação”; “água preta” é mapeada como "ambiente mau"; “mãos brancas” são metonímias de “pessoas brancas”, e “branco” é mapeado como "simpático". A cor preta tem um sentido depreciativo, enquanto a cor branca tem uma conotação elogiosa.

Existem provérbios portugueses e chineses que pretendem significar que a maldade nunca se torna bondade:

白是白, 黑是黑 *Bái shì bái, hēi shì hēi* (Branco é branco, preto é preto)

黑的白不了, 白的也黑不了 *Hēi de bái bù liǎo, bái de yě hēi bù liǎo* (O que é preto não se torna branco, e o que é branco também não se torna preto)

乌鸦抹上石灰, 也变不成白鸽 *Wūyā mǒ shàng shíhuī, yě biàn bù chéng bái gē* (Mesmo que o corvo esteja manchado de cal, não se transforma em pomba branca)

“Quem quiser branquear um preto perde o sabão.”

Uma base experiencial possível da cognição da cor branca e preta vem do corpo humano e da interação dos humanos com a natureza. “O nosso órgão sensorial mais importante é o olho”, porque “mais de 80% das nossas informações sobre o meio ambiente”<sup>53</sup> são recebidas através da visão

<sup>53</sup> “Our most important sense organ is the eye”, “more than 80% of our information about our environment”. TDA.

(McBride, 2010: 1). A visão oferece informação aos humanos, é a base experiencial da metáfora primária CONHECER É VER (*KNOWING IS SEEING*), referida por Grady (1997). Assim, a visão é fundamental para a sobrevivência humana. Os seres humanos primitivos recebiam informações necessárias sobre o ambiente através da visão, para procurar alimento e água, observar os perigos, distinguir inimigos, construir ferramentas e casas para os defender do frio e dos animais selvagens, etc. Ver e conhecer era e é uma condição básica da segurança. “Para podermos ver um objeto, a luz desse objeto deve entrar em nossos olhos”<sup>54</sup> (McBride, 2010: 1). Falta da luz afeta a visão, e resulta na falta das informações sobre o ambiente, que coloca os humanos em perigo. Por isso, a luz (claro, branco) tem correlação com a segurança e a falta da luz (escuro, preto) entra em correlação com o perigo. As sombras são lugares que não recebem luz, por isso, enquanto a luz é um domínio de valor positivo nos provérbios, a sombra tem um sentido depreciativo:

“A sombra passa e a luz fica.”

“Não há luz sem sombra.”

“A morte com honra desassombra.”

“Os émulos ou as desgraças são sombras inseparáveis dos homens, como a sombra o é do corpo.”

使珍珠上布上阴影的人，他的心坎上必然沾满灰尘 *Shǐ zhēnzhū shàng bù shàng yīnyǐng de rén, tā de xīnkǎn shàng bìrán zhān mǎn huīchén* (A pessoa que coloca uma sombra na pérola deve ter o coração coberto de pó)

Nos provérbios acima, sombra é Fonte de desgraça, desastre, injustiça e maldade, enquanto luz é Fonte de honra, felicidade, justiça e bondade.

A escuridão também é a ausência de luz, e não se consegue ver na escuridão, por isso, o que é escuro é mau e perigoso, o que é claro é bom e seguro:

黎明前是最黑暗的 *Límíng qián shì zuì hēi'àn de* (Antes do amanhecer é o mais escuro)

鸟向明处飞，人向活处走 *Niǎo xiàng míngchù fēi, rén xiàng huóchù zǒu* (O pássaro voa para lugares claros, o homem caminha para lugares vivos)

---

<sup>54</sup> “For us to be able to see an object, light from that object must enter our eyes”. TDA.

“A verdade é clara, a mentira é sombria.”

Nos provérbios acima, a escuridão é Fonte de sofrimento, maldade, morte e mentira; a claridade é Fonte de felicidade, vida e verdade.

As entidades que conseguem produzir luz, tal como o sol, herdaram a bondade da luz nos provérbios portugueses e chineses, e o que bloqueia o sol ou as estrelas, tal como a nuvem, conseqüentemente, implica coisas menos positivas:

乌云遮不住太阳 *Wūyún zhē bù zhù tàiyáng* (*Nuvens escuras não podem bloquear o Sol*)

天大的乌云也会散去 *Tiāndàde wūyún yě huì sàn qù* (*Nuvens escuras tão grandes desaparecerão*)

“Amizade de genro, Sol de Inverno.”

“A estrela brilha atrás das nuvens.”

Nos provérbios acima, nuvem é Fonte de maldade e azar; Sol é Fonte de felicidade, justiça, amizade, generosidade, e estrela é Fonte de bondade.

Como o Sol aparece durante o dia, de dia há luz ampla e de noites a luz está ausente, com a ausência do Sol. De noite é mais difícil usar a vista, o que resulta na dificuldade de conhecer, por isso noite é Fonte de perigo nos provérbios portugueses e chineses:

“A noite é capa de pecadores.”

“O mal feito à noite de dia aparece.”

Estes provérbios portugueses focam-se no bloqueio da vista à noite; “pecadores” e “o mal feito” não se podem ver à noite, pelo que não podem ser descobertos, por isso a noite é plataforma de pecados.

久走夜路必撞鬼 *Jiǔ zǒu yèlù bì zhuàng guǐ* (*Se andar à noite muitas vezes vai encontrar fantasmas*)

O fantasma é mau espírito na cultura chinesa, e aparece apenas à noite. Andar à noite é um comportamento perigoso por causa das atividades dos fantasmas. O provérbio significa que quem se dedica às atividades perigosas um dia vai encontrar o azar, que também revela que a noite é um lugar perigoso.

Como já referido, as coisas que carecem de luz ou bloqueiam a luz, tal como a escuridão, a sombra, as nuvens e a noite estão ligadas à maldade e ao perigo, porque afetam a vista dos humanos, enquanto a luz, o Sol e o dia estão relacionados com a bondade e a segurança, já que oferecem visão clara aos humanos. Preto é a cor mais escura, e branco é a cor refletida por todos os raios da luz solar. Assim, o preto é associado à escuridão, à sombra, às nuvens e à noite, enquanto o branco é associado à luz, ao sol e ao dia. Na língua chinesa, o equivalente do substantivo português *noite* 黑天 *hēitiān*, significa literalmente 'céu preto', enquanto o de *dia* 白天 *báitiān*, significa literalmente 'céu branco', e *escuridão* 黑暗 *hēiàn*, significa literalmente 'escuridão preta'. Assim se formam as metáforas BOM É BRANCO e MAU É PRETO em ambas as culturas.

O resultado das metáforas BRANCO É BOM e PRETO É MAU é a cognição correspondente das entidades brancas ou pretas. Por exemplo, a discriminação da cor preta é transferida para a cognição do corvo porque o corvo é preto.

Além do provérbio chinês atrás mencionado, 乌鸦抹上石灰, 也变不成白鸽 *Wūyā mǒ shàng shíhuī, yě biàn bù chéng báigē* (Mesmo que o corvo esteja manchado de cal, não se transforma em pomba branca), existem outros provérbios chineses, bem como provérbios portugueses, expressando o valor negativo ou pejorativo do corvo:

天下乌鸦一般黑 *Tiānxià wūyā yībān hēi* (Todos os corvos são igualmente pretos)

乌鸦的翅膀遮不住光明 *Wūyā de chìbǎng zhē bú zhù guāngmíng* (As asas do corvo não cobrem a luz)

“Nunca de corvo bom ovo.”

“O corvo não pode ser mais negro que as asas.”

O corvo é mapeado como pessoa má, e a asa do corvo é mapeada como maldade. A maldade é tratada como uma entidade que pode bloquear uma outra entidade, a justiça. A metáfora MALDADE É ASA DE CORVO é composta pela metáfora MALDADE É ENTIDADE PRETA e a metonímia ASA DE CORVO POR COR PRETA.

A cognição das cores preta e branca também afeta a cognição dos humanos de pele preta e branca nos provérbios portugueses. A metonímia COR POR PESSOA enche os provérbios portugueses. Gente com pele mais escura é referida como *negro* e gente de pele mais clara é referida como *branco*. Ao mesmo tempo, os provérbios portugueses refletem forte discriminação negativa diante das pessoas de pele mais escura:

“Branco dançando, negro tocando.”

“Branca que casa com negro é preta por dentro.”

“Negro mais se ensaboa mais preto fica.”

O contexto destes provérbios é a história da escravidão de “pessoas negras”. Em 1415, quando Portugal conquistou Ceuta, o que “simbolizava o fim da idade média europeia de olhar para o interior e o início da era de expansão de olhar para o exterior”<sup>56</sup> (Birmingham, 2018: 25), a captura de escravos em África começou. Por causa da escassez de trabalhadores para os latifúndios portugueses, o comércio de escravos negros era próspero, e muitos escravos africanos eram trazidos para a Europa. Aos escravos africanos, fosse “nas fazendas ou no serviço doméstico (...) foram negados muitos dos direitos legais concedidos às gerações mais velhas de escravos brancos”<sup>57</sup> (Birmingham, 2018: 27). Depois, o tráfico legal de longo prazo de escravos entre a Europa, a África e a América era realizado através da colonização de Angola e do Brasil. Como mencionado, esta história da escravidão reflete-se nos provérbios portugueses e, ao mesmo tempo, esses provérbios portugueses que revelam discriminação das “pessoas negras” reforçam a cognição racista e o comportamento racista.

Na China existia discriminação de pessoas diferentes, mas não das pessoas de acordo com a cor da sua pele, por isso não existem provérbios sobre a discriminação de pessoas de cor diferente.

Em conclusão, a percepção da cor branca e preta é coincidente nos provérbios portugueses e chineses devido à importância universal da vista para os humanos. A cognição de branco e preto influencia a cognição correspondente de entidades de cores branca e preta. No contexto da colonização, na cultura portuguesa, as metáforas até influenciam a visão e valorização das pessoas de pele escura e mutuamente a história reforça as metáforas. A figura 10 mostra o resumo das metáforas relativas às cores branco e preto nos provérbios portugueses e chineses discutidos.

---

<sup>56</sup> “Symbolised the end of the inward-looking European middle ages and the beginning of the outward-looking age of expansion”. TDA.

<sup>57</sup> “Whether on the farms or in household service ... were denied many of the legal rights given to the older generation of white slaves”. TDA.

Alvo	Bondade	Maldade		
Fonte	Branco	preto		
	Luz	Sombra, escuridão	Base experiencial: a vista humana Ver bem = conhecer = ser seguro = bom; Ver mal = não conhecer = ser perigoso = mal	
	Sol, estrela	Nuvem		
	Claro	Escuro		
	Dia	Noite		
	“Os brancos”	“Os negros”	Só existe nos provérbios portugueses	Resultado - entidades de cor branca ou preta
		Corvo		

Figura 10. Resumo das metáforas relativas a branco e preto

### 3.3 Cima-baixo e hierarquia valorativa

Em *Metaphors We Live By*, Lakoff e Johnson (1980) referem-se ao tipo de metáforas orientacionais especificamente através dos conceitos organizados pela orientação espacial *cima-baixo* (*up-down*) na língua inglesa e concluíram que “a maioria dos nossos conceitos fundamentais é organizada em termos de uma ou mais metáforas de espacialização” (Lakoff & Johnson, 1980: 18) e “os valores fundamentais de uma cultura serão coerentes com a estrutura metafórica dos conceitos fundamentais da cultura”<sup>58</sup> (Lakoff & Johnson, 1980: 23). Portanto, esta parte tem o propósito de examinar o sistema metafórico da orientação *cima-baixo* (*up-down*), uma orientação universal, na língua portuguesa e chinesa, a fim de verificar a afirmação de Lakoff e Johnson (1980) também no que respeita às línguas portuguesa e chinesa, e de observar alguns valores importantes nas sociedades portuguesa e chinesa através desta orientação espacial.

#### 3.3.1 Cima-baixo (*up-down*) nas línguas chinesa e portuguesa

Para estudar as metáforas de *cima-baixo* em línguas diferentes do inglês é necessário procurar as palavras correspondentes a *up* e *down* nas línguas chinesa e portuguesa através das definições e usos na língua inglesa. Os significados da palavra *up* em inglês relativamente à orientação espacial são: (adv. / prep.) 'em direção a um lugar mais alto'; (adv. / prep.) 'em um lugar mais alto' e (adj.) 'em movimento para cima'; *down* em inglês também oferece três significados relativos à orientação espacial:

<sup>58</sup> “Most of our fundamental concepts are organized in terms of one or more spatialization metaphors”, “the most fundamental values in a culture will be coherent with the metaphorical structure of the most fundamental concepts in the culture”. TDA.

(adv. / prep.) 'em direção a um lugar mais baixo'; (adv. / prep.) 'em um lugar mais baixo' e (adj.) 'em movimento para um lugar mais baixo'. Os primeiros significados destacam a direção e os segundos, a localização de um objeto, enquanto os últimos significados destacam o processo do movimento de um lugar para o outro.

Em chinês, a tradução reconhecida de *up* e *down* é 上 *shàng* 下 *xià*. Contudo, os significados relativos à orientação de 上 *shàng* e 下 *xià* não são totalmente iguais aos de *up* e *down*. Por exemplo, os significados de 上 *shàng* são: (n.) 'o lugar alto', (prep.); 'em direção ao lugar alto' e (v.) 'mover do lugar baixo para o lugar alto'. Para cada significado de *up-down* e 上 *shàng* - 下 *xià* existe uma tradução diferente em português:

Aspeto destacado	<i>Up/down</i>	上 <i>shàng</i> / 下 <i>xià</i>	Tradução portuguesa
Direção	Adv. ou prep. em direção a um lugar mais alto/baixo	Prep. em direção ao lugar alto/baixo	Acima, para cima/baixo
estado de um objeto	Adv. ou prep. Em um lugar mais alto/baixo		Acima/abaixo, debaixo; em cima/baixo
Processo de movimento	Adj. Em movimento para lugar mais alto/baixo	V. Mover do lugar baixo/alto para o lugar alto/baixo	Subir/descer, cair; levantar/abaixar, baixar
O lugar		n. O lugar alto/baixo	Cima, alto/baixo n.

Figura 11. Equivalentes e aceções portuguesas de *up-down* e 上 *shàng* 下 *xià*

Como apresentado na figura 11, não existe só uma palavra portuguesa correspondente ao conceito total de *up-down* em inglês ou 上 *shàng* 下 *xià* em chinês, por isso, ao estudar o sistema metafórico organizado pela orientação espacial *up-down* em português e chinês, o domínio a observar não será único, serão vários, segundo os quatro aspetos destacados de *up-down* e 上 *shàng* 下 *xià* na figura 11. Diante disso, o sistema das metáforas dos quatro aspetos será referido como metáfora de *cima-baixo*. Os aspetos que determinam o alvo deste estudo serão ilustrados mais claramente através da seguinte imagem.

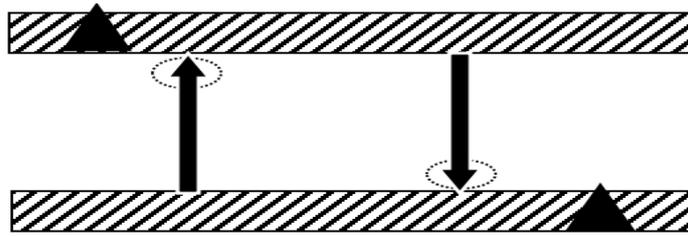


Imagem 1. Ilustração de cima-baixo

Os retângulos sombreados representam os lugares, alto ou baixo; os triângulos indicam que os objetos estão no lugar mais alto ou mais baixo; os ponteiros ou flechas envolvidas por círculos representam a direção para o lugar mais alto ou mais baixo; as flechas representam o movimento do lugar mais baixo para o lugar mais alto e o movimento inverso.

### **3.3.2 Lugar alto e lugar baixo**

“A vida é cheia de altos e baixos.”

Neste provérbio português, *alto* e *baixo* são nomes que significam 'ponto alto' e 'ponto baixo'. As metáforas são: MOMENTO BOM É LUGAR ALTO e MOMENTO MAU É LUGAR BAIXO.

地有高低, 人有贵贱 *dì yǒu gāo dī, rén yǒu guì jiàn* (*Há terras altas e baixas, há pessoas nobres e indignas*)

Neste provérbio chinês, *terras altas* são mapeadas como 'pessoas dignas', e *terras baixas* são mapeadas como 'pessoas indignas'. As metáforas são: NOBREZA É LUGAR ALTO e INDIGNIDADE É LUGAR BAIXO.

### **3.3.3 Estar acima e estar abaixo**

Porque lugar alto é bom e lugar baixo é mau, estar em lugar alto, ou estar acima, é bom, e estar em lugar baixo, ou estar abaixo, é mau. Por exemplo:

吃得苦中苦, 方为人上人 *chī dé kǔ zhōng kǔ, fāng wéi rén shàng rén* (*Quem consegue comer o mais amargo pode estar acima das outras pessoas*)

Neste provérbio chinês, “estar acima de outras pessoas” é o objetivo, significa ser mais talentoso, mais rico ou ter mais sucesso do que os outros. O sofrimento de “comer o mais amargo” é o processo necessário para chegar ao objetivo de ter sucesso. A metáfora é: TER SUCESSO É ESTAR ACIMA.

“O dever acima de tudo.”

Neste provérbio português, *dever* é mapeado em uma entidade, a localização de dever é mapeada na importância de dever. “O dever” está no topo de tudo, pois é o mais importante. A metáfora é: SER IMPORTANTE É ESTAR ACIMA.

### **3.3.4 Subir, descer, cair, levantar-se, (a)baixar-se e baixar**

Porque lugar alto é bom, estar em lugar alto é bom, pois estar na direção do lugar mais alto é bom, mover-se para a direção mais alta, subir ou levantar-se é bom. Os provérbios relevantes são:

能者上, 庸者下 *Néng zhě shàng, yōng zhě xià* (*Pessoas capazes sobem, pessoas incompetentes descem*)

人在屋檐下, 怎敢不低头 *Rén zài wūyán xià, zěn gǎn bù dītóu* (*As pessoas têm de baixar a cabeça quando estão debaixo do telhado*)

“Não te abaixes por pobreza nem te levantes por riqueza.”

“De alto cai quem alto sobe.”

No primeiro provérbio, o movimento de subir é mapeado na promoção ou disposição das tarefas importantes, e o movimento de descer é mapeado na exoneração de um cargo. No segundo provérbio, “abaixar a cabeça” é mapeado em obedecer e sujeitar-se ao mais poderoso e “estar debaixo do telhado” é mapeado como estar em situação desvantajosa. No terceiro provérbio, “rebaixar a si próprio, ou *abaixar*” é mapeado como fazer coisas indignas, e “levantar a si próprio” é mapeado como o próprio fazer crescer o desejo de obter riqueza; no último provérbio, o movimento de cair é mapeado na falha ou como encontrar o obstáculo, o movimento de subir é mapeado em fazer esforços para alcançar o sucesso ou obter algo desejado.

Em resumo, nas culturas portuguesa e chinesa, bom é lugar alto, mau é lugar baixo; bom é estar acima, mau é estar abaixo; bom é subir, ou levantar-se, mau é cair, descer, baixar-se ou rebaixar-se.

Isto coincide com as metáforas *good is up* e *bad is down* na língua inglesa, estudadas por Lakoff e Johnson (1980).

### **3.3.5 Base experiencial e contexto das metáforas de cima-baixo**

Uma base experiencial possível das metáforas de cima-baixo é relativa à experiência mencionada — vista é conhecimento. Do lugar alto, quando se olhar para baixo a vista é mais extensa do que olhando de um lugar baixo. Como a vista é a maneira principal de receber informações, possuir vista vasta é atingir mais conhecimento. Informações eram essenciais para o homem primitivo, porque mais informações significavam mais oportunidades de sobreviver. Na época da civilização, quem possui mais conhecimentos é sempre apreciado e admirado e tem mais vantagens na sociedade. As informações também têm valor político e militar. No lugar alto, é mais fácil de ter vigilância do acontecimento no lugar baixo, e por isso a dominação dos governadores é conveniente; quando na luta, o lugar alto é uma vantagem, porque é fácil adquirir a situação militar dos inimigos. Os vencedores sempre ocupam o lugar alto para mostrar a dominação.

A outra base experiencial possível da cognição de cima-baixo vem da interação humana com o ambiente físico: o céu (o espaço) e a terra. Antes das descobertas astronômicas, os antigos consideravam que o céu e a terra eram superfícies planas, e por isso existiam espaços altos e baixos, o céu era em cima e a terra era em baixo. Os humanos observaram os fenômenos naturais que aconteceram no céu: existe dia e noite porque o “movimento” do Sol que está no céu, e os humanos arranjam a sua vida de acordo com o movimento do Sol (dormem às noites e trabalham nos dias); a chuva “caído” do céu influencia a agricultura bem como a pesca, e algumas vezes causa eventos fatais tal como inundação; o trovão que “acontece” ocasionalmente no céu parece-se com um alerta... Com essas interações indiretas com o céu, os humanos começaram a compreender e tentaram explicar os fenômenos naturais. O resultado é, os homens primitivos escolheram personificar e deificar a natureza. Os romanos antigos criaram o deus do céu, Júpiter, que controlava a chuva, os relâmpagos e os trovões. Na mitologia chinesa também existiam 雷公 *léigōng*, o *duque do trovão*, 电母 *diànmǔ*, a *mãe do relâmpago* e 龙王 *lóngwáng*, o *Rei Dragão*, que controlava a chuva. Porque os fenômenos naturais acontecidos no céu eram fundamentais para a sobrevivência humana, os homens primitivos tinham grande admiração pelo céu. Os romanos antigos rezavam a Júpiter pela chuva quando existia seca, e

realizavam-lhe sacrifícios. Na China, onde a agricultura era a atividade principal, as atitudes dos agricultores ao céu eram “reverenciar o céu e admirar-se, (...) obedecer ao céu e cumprimenta-se, (...) esperar o bom tempo do céu”<sup>60</sup> (Xunzi, 2016: 241). Também existiam os rituais ou sacrifícios aos deuses do céu para pedir bom tempo.

O papel importante do céu para a vida humana determina a sua imagem: uma existência poderosa que governa e controla tudo, e o ato de rezar aos deuses do céu é um símbolo de obedecer ao céu. Além disso, no cristianismo, que se tornou a religião do Império Romano no século IV e teve influência profunda em Portugal, Deus, que criou o universo, mora no céu, e a Palavra de Deus — a Bíblia — fornece as normas de conduta para a vida humana.

De acordo com o provérbio português “Deus, baixando as ordens, temos só de obedecer”, as pessoas têm de obedecer a Deus, quem mora na terra tem de obedecer a quem mora no céu.

Na China antiga, o céu também era a metonímia do governador, havendo provérbios chineses como 丈夫是妻子的一层天 *Zhàngfu shì qīzi de yì céng tiān* (*O marido é o céu da mulher*) e 父母是层天 *Fùmǔ shì céng tiān* (*Os pais são o céu*) para lembrar que o marido governa a mulher e os pais governam o filhos. Desde a dinastia Zhou, aos soberanos chamava-se “filho do céu” para recordar o seu domínio sobre o povo. Porque na cultura chinesa antiga o filho tinha de obedecer e respeitar o pai, o soberano também tinha de obedecer ao céu, isto é, governar o país corretamente. Se mostrasse tirania, o céu iria rebaixá-los através de desastres naturais. O povo chinês também acreditava que o comportamento pessoal de cada um era supervisionado pelo céu, como reza o provérbio: 老天有眼 *Lǎotiān yǒu yǎn* (*O céu tem olhos*). Neste sentido, o céu é justiceiro.

Os cristãos também acreditavam que o Céu tem olhos, e através da justificação de Deus para os comportamentos dos humanos, os cristãos bons, ou os eleitos, irão para o Céu após a morte, enquanto os pagãos e os pecadores, ou seja, os condenados, irão para o Inferno. O Céu é um lugar cheio de felicidade enquanto o Inferno é um lugar cheio de sofrimento.

Na mitologia chinesa também existe o conceito de Céu e Inferno. No Céu moram os deuses poderosos, ao passo que o Inferno, ou 阴间 *yīnjiān*, *Espaço Sombrio*, é o lugar dos mortos. Os chineses antigos localizavam o Espaço Sombrio no lugar mais baixo da Terra, e foi aí mesmo que os cristãos localizaram

---

<sup>60</sup> “大天而思之 ... 从天而颂之 ... 望时而待之”. TDA.

também o Inferno. A razão desta localização, antes de descobrimento da geologia, foi o facto de os humanos acreditarem que existia uma região dentro da Terra, região sombria, tal como o nome chinês do Inferno, sem luz: o inferno é “um mundo sem sol, sem lua, sem estrelas” (Kardec, 2002: 40). E, como discutido, as metáforas são BONDADE É LUZ e MALDADE É SOMBRA. Assim, o pensamento geral é que a felicidade está no Céu, que fica em cima, e o sofrimento está no Inferno, que fica em baixo.

Ainda existe hierarquia dentro do Céu e do Inferno. “Os antigos acreditam na existência de muitos céus superpostos (...) ideia, decorrente da insuficiência dos conhecimentos astronómicos”. A opinião mais comum do espiritismo kardecista é que os céus têm sete níveis, e “o último era a morada da suprema felicidade” (Kardec, 2002: 24). Os cristãos também acreditam em céus sobrepostos:

A teologia cristã reconhece a existência de três céus: O primeiro é a região do ar e das nuvens, o segundo é o espaço em que se movem os astros, o terceiro está além da região dos astros e é a morada do Supremo Ser e dos eleitos que o contemplam face a face (Kardec, 2002: 24).

Na mitologia chinesa também existe esta teoria, como se refere no *Huainanzi*: “o céu tem nove camadas”<sup>62</sup> (Liu, 2016: 96). No budismo, que influencia a cultura chinesa, o inferno têm dezoito camadas, e a camada mais baixa é a mais horrível, um lugar para grandes pecadores após a morte. De entre as camadas do céu e do inferno, o lugar mais alto é o lugar com mais felicidade, e o lugar mais baixo é o lugar com mais sofrimento.

Segundo Teixeira (2001), a percepção humana de cima-baixo vem da projecção do seu corpo. “O homem para dominar o espaço, mediu-o. Para o medir, projetou-se nele” (Teixeira, 2001: 4), e atribuiu as suas dimensões próprias ao espaço, “que, como o homem, tem uma verticalidade/altura (alto/baixo)” (Teixeira, 2001:4). Argumentou que “em baixo fica o negativo, a morte; em cima, o positivo, a vida” (Teixeira, 2001: 17) porque estar vivo é estar vertical mas está morte é deitar na terra. Além disso, a direção do crescimento é “para cima”, “as árvores, as flores, as plantas e os animais crescem ‘para cima’” (Teixeira, 2001: 17); “o alto”, é “o desejável, o que identifica o adulto, ao qual (extremo) se pretende chegar” (Teixeira, 2001: 12). Entretanto, sugeriu que “é que o alto tem uma parte que comunica (cara) e outra que não comunica (nuca)” (Teixeira, 2001: 18), o que pode ser uma base experiencial da positividade de cima e negatividade de baixo.

---

<sup>62</sup> “天有九野”. TDA.

A interação humana com a natureza e o seu corpo é a base experiencial da percepção de cima-baixo, e a cultura produzida dessas experiências torna-se o contexto das metáforas de cima-baixo. O que é alto tem mais poder, tem mais importância e é bom, e vice-versa. Assim, é natural que aquele que está em cima possa controlar e governar o que está em baixo, e que o que está em baixo obedeça ao que está em cima, na história da China e de Portugal. Esta metáfora orientacional organizou o sistema das culturas e sociedades portuguesa e chinesa por longo tempo: o sistema hierárquico.

### **3.3.6 A sociedade hierárquica**

Tanto Portugal como a China passaram por um período da sociedade escravagista. Quando a Península Ibérica pertenceu ao Império Romano, a sociedade da região que veio depois a conhecer-se como Portugal também era escravagista. Os escravos, embora já existissem antes da conquista romana, aumentaram grandemente por causa das guerras. “A primeira grande divisão social era, pois, entre homens livres e não livres” (Proença, 2015: 112). Os homens livres incluíam os cidadãos romanos, que detinham o direito de cidadania exclusivamente, e não as populações indígenas. Os não cidadãos, embora fossem homens livres, não tinham direitos políticos; só a partir de 212 d.C. a cidadania romana foi atribuída a todos os homens livres (Corassin, 2006: 277). Os homens não livres, ou seja, os escravos, eram inferiores aos homens livres, sendo tratados como propriedades. Os seus donos podiam comprá-los, vendê-los e usá-los à sua vontade, ou até mesmo matá-los. As mortes de escravos eram tratadas como perda de propriedades pela lei romana. A sociedade escravagista da China começou na dinastia Xia (2100 a.C.) e em 476 a.C., o fim de Períodos Primavera e Outono<sup>63</sup>, a sociedade escravagista transformou-se em sociedade feudal. Contudo, a escravidão persistiu e só foi abolida pelo Imperador 雍正 Yongzheng na dinastia Qing, em 1723. Os escravos eram a camada inferior da hierarquia social. A relação entre os donos e os escravos é uma relação de cima e baixo, uma relação hierárquica.

Na Idade Média, no território português, a hierarquia foi estabelecida dentro do sistema feudal. O rei distribuía as terras aos nobres e ao clero para as administrarem. Os grandes senhores gozavam de privilégios, e nos seus territórios tinham grande autonomia de administração, exercendo o poder sobre todos os povos que neles viviam. Em troca, estes tinham obrigação de pagar tributos, impostos e

---

<sup>63</sup> Uma era na história da China entre 722 a.C. e 481 a.C.

contribuições ao rei. O rei também permitia a autonomia de determinadas comunidades, nos concelhos, outorgando-lhes cartas de foral. Aos concelhos também foram concedidos determinados privilégios, tendo ao mesmo tempo obrigação de pagar tributos e oferecer exércitos. Dentro dos concelhos também existia a hierarquia social. No cimo da hierarquia, dentro dos concelhos, estava o cavaleiro-vilão. Muitos habitantes estavam dependentes dos cavaleiros ricos e tinham de trabalhar para os mesmos para obterem rendimentos. O rei, mesmo estando no topo da hierarquia, via o seu poder dividido pelos domínios senhoriais e pelos concelhos.

A sociedade portuguesa na Idade Média era uma sociedade trinitária:

A sociedade medieval portuguesa estava dividida em três grandes grupos ou ordens sociais - clero, nobreza e povo. A cada um destes grupos eram atribuídas funções muito específicas. Assim, a principal função dos clérigos seria rezar, ao passo que aos nobres competia lutar, e aos membros do povo, trabalhar (Proença, 2015: 205).

O rei estava no topo da hierarquia da sociedade medieval portuguesa, clero e nobreza ocupavam uma posição alta da mesma e no fundo da hierarquia estava o povo. Cada grupo social tinha posição fixa na hierarquia que tinha sido definida desde o seu nascimento.

Na doutrina da Bíblia, em S. Paulo, há frases que mostram a situação da hierarquia entre homens e mulheres no território português - as mulheres eram inferiores aos homens e tinham de lhes obedecer:

Durante a instrução, a mulher deve ficar em silêncio, com toda a submissão. Eu não permito que a mulher ensine ou domine o homem. Portanto, que ela permaneça em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, pecou (1 Timóteo 2: 11-14).

E as mulheres deviam obedecer aos seus maridos:

(...) as mulheres estejam caladas nas assembleias, porque não lhes é permitido tomar a palavra, mas que sejam submissas como diz também a Lei. Se querem aprender alguma coisa interroguem os seus maridos em casa, porque é inconveniente para uma mulher falar numa assembleia (1 Coríntios 14: 34-35).

Existem provérbios portugueses tal como “Onde há galo não canta galinha” que marcam bem essa hierarquia de mulheres e homens.

A China antiga também era uma sociedade feudal, mas o poder era mais centralizado. Os soberanos usavam o instrumento do sistema hierárquico para garantir poderes absolutos. Na China antiga, a sociedade inteira era organizada em hierarquia, e a ideologia hierárquica era a essência da cultura. Há regras estritas e específicas de hierarquia em cada relação social. Na dinastia Zhou Ocidental, o

soberano criou o sistema de Ritos para regularizar a hierarquia social. Cada pessoa tinha vários papéis sociais e o seu comportamento, discurso e até vestuário tinham de obedecer estritamente a determinadas regras, que ficaram conhecidas como os Ritos. Quem violasse os Ritos era o mesmo que violar as leis e seria punido pelo soberano. Deste modo, a sociedade ficava estabilizada. Confúcio, o primeiro sábio da China, valorizou muito a hierarquia e os Ritos da dinastia Zhou Ocidental e desenvolveu o seu pensamento com base neles. Até à atualidade, o confucionismo tornou-se a ideologia principal da sociedade chinesa, daí que o pensamento hierárquico tenha influenciado profundamente os chineses ao longo de muito tempo.

As relações sociais no confucionismo são divididas em cinco níveis ou categorias: o soberano e os súbditos, pais e filhos, irmãos, amigos e marido e mulher. Todos os povos de todo o mundo eram considerados súbditos do soberano na cultura chinesa tradicional: “sob o Céu não há território que não pertença ao soberano; dentro do território não há pessoas que não sejam súbditas do soberano”<sup>65</sup> (Zhu, 2015: 175). O soberano era superior aos súbditos, tal como a etimologia desse equivalente português facilmente indica, e tinha poder sobre os mesmos; os súbditos tinham de obedecer absolutamente ao soberano, e a isso se chamava *fidelidade*. O país, na cultura chinesa, é uma família grande. A relação entre o soberano e os súbditos era descrita muitas vezes pelos sábios como a relação de pais e filhos. Numa família, os filhos tinham de obedecer e respeitar absolutamente os pais, aquilo a que se chamava *piiedade filial*: quando “Meng Yizi perguntou ao Mestre sobre a piedade filial, o Mestre disse: ‘Não desobedeças’”<sup>66</sup> (Confúcio, 2018: 14). As famílias estáveis são uma das condições para um país estável, por isso a piedade filial era a pré-condição da fidelidade: “se for filial e paternal, será leal”<sup>67</sup> (Confúcio, 2018: 22). As duas relações hierárquicas eram mantidas através dos Ritos. Por exemplo, o ensinamento da piedade filial no confucionismo é “enquanto (os pais) estiverem vivos, serve-os conforme os Ritos. Quando morrerem, enterra-os conforme os Ritos e oferece-lhes sacrifícios conforme os Ritos”<sup>68</sup> (Confúcio, 2018: 14). Até o soberano tinha de obedecer aos Ritos correspondentes: “o soberano comanda os súbditos, conforme os Ritos”<sup>69</sup> (Confúcio, 2018: 34).

A hierarquia entre irmãos também era rigorosa. O sistema de heranças desde a dinastia Zhou Ocidental privilegiava o filho primogénito. Este era superior de entre o conjunto dos irmãos e possuía o direito

---

<sup>65</sup> “溥天之下，莫非王土，率土之濱，莫非王臣”。TDA.

<sup>66</sup> “孟懿子問孝。子曰：“無違”。TDA.

<sup>67</sup> “孝慈則忠”。TDA.

<sup>68</sup> “生，事之以禮；死，葬之以禮，祭之以禮”。TDA.

<sup>69</sup> “君使臣以禮”。TDA.

único de herdar a posição e o território do pai. Os filhos mais novos tinham de o respeitar. Não se podiam ofender os irmãos mais velhos. A hierarquia entre irmãos funcionava segundo a idade, os mais velhos eram superiores e os mais novos eram inferiores. Este princípio também existia entre amigos. Como referido, o país era considerado uma família grande, pois a relação dos amigos na sociedade reproduzia a dos irmãos na família.

Quando o confucionismo elabora as regras das relações entre o soberano e os seus súbditos, pais e filhos, irmãos e amigos, só fala acerca de elementos do sexo masculino. Os do sexo feminino, no confucionismo, eram de tal modo inferiores que não eram alvo de consideração. A sociedade chinesa tradicional era uma sociedade patriarcal. Uma das doutrinas do confucionismo, 儀禮 *Yili* (*etiqueta cerimonia*) diz que a “mulher tem três obediências, não tem os seus próprios critérios de comportamento. Enquanto não se casa, obedece ao pai; depois de casar, obedece ao marido; quando o marido morre, obedece ao filho”<sup>71</sup> (n.a., 2012).

Assim, todas as relações sociais da China tradicional são relações familiares, e são hierárquicas. A sociedade e o pensamento da China antiga eram organizados pela hierarquia rigorosa mantida pelos Ritos. Neste modo, embora tanto Portugal como a China antiga sejam sociedades em que reinou o feudalismo, o poder do soberano chinês era mais absoluto e centralizado, e a hierarquia da sociedade chinesa era mais rigorosa.

As metáforas de cima-baixo modelam e revelam as sociedades hierárquicas portuguesa e chinesa na história. A cognição de cima-baixo, ligada à ideia de hierarquia, tiveram e têm influência profunda na cultura portuguesa e chinesa até à contemporaneidade. Geert Hofstede, um psicólogo social, desenvolveu uma teoria de dimensões culturais e descreveu as culturas nacionais em seis dimensões. Uma dessas dimensões é a “distância ao poder”:

A distância ao poder pode, portanto, ser definida como a medida em que os membros menos poderosos das instituições e organizações dentro um país esperam e aceitam que o poder seja distribuído de forma desigual. As instituições são os elementos básicos da sociedade, tal como a família, a escola e a comunidade; organizações são os lugares onde as pessoas trabalham<sup>72</sup> (Hofstede, 2010: 61).

Hofstede pesquisou as culturas de países diferentes e construiu um modelo de dimensões culturais. No

---

<sup>71</sup> “妇人有三从之义,无专用之道。故未嫁从父,既嫁从夫,夫死从子”。TDA.

<sup>72</sup> “Power distance can therefore be defined as the extent to which the less powerful members of institutions and organizations within a country expect and accept that power is distributed unequally. Institutions are the basic elements of society, such as the family, the school, and the community; organizations are the places where people work”. TDA.

seu modelo, tanto Portugal como a China são considerados países com maior distância ao poder, sendo a distância ao poder da China ainda superior à distância ao poder de Portugal. Isso revela que em ambas as sociedades as relações hierárquicas são relativamente comuns e aceitáveis nas famílias, nas escolas, nas empresas, etc.

Na situação de grande distância ao poder, as crianças devem ser obedientes aos seus pais. Às vezes existe até mesmo uma ordem de autoridade entre as crianças, com as crianças mais novas a deverem ceder às crianças mais velhas (...). O respeito pelos pais e outros idosos é considerado uma virtude básica (...). O respeito pelos pais e parentes mais velhos dura até à idade adulta<sup>73</sup> (Hofstede, 2010: 67).

Na China, a hierarquia da idade é mais comum por causa da influência profunda do confucionismo. Respeitar os idosos e amar os novos são consideradas virtudes fundamentais. Nas escolas dos países de maior distância ao poder “professores são tratados com respeito ou mesmo medo”<sup>74</sup> (Hofstede, 2010: 69). Existe a hierarquia de professores e estudantes. Os professores têm o poder de punir os estudantes malcomportados. Contradizer os professores em público é considerado um dos comportamentos errados. Nas empresas, o chefe tem a autoridade e toma decisões sem consultar os empregados. Assim, sob a influência das metáforas de cima-baixo, o pensamento de hierarquia na sociedade contemporânea de Portugal e da China ainda é bastante forte; quem tem mais poder ainda é considerado na posição superior e tratado com maior respeito e obediência.

Porque *cima* e *baixo* são conceitos fundamentais, podem-se procurar os elementos valorizados e desvalorizados na cultura portuguesa e chinesa nos provérbios com as metáforas de cima-baixo. Por exemplo, no provérbio chinês 和为贵, 忍为高 *Hé wéi guì, rěn wéi gāo* (*Harmonia é nobre, resignação é alto*), pode-se descobrir que, na cultura chinesa, resignar é valorizado e lutar é desvalorizado. Nos provérbios portugueses “O dever acima de tudo” e “Deus, acima de tudo”, pode-se saber que na cultura portuguesa, cumprir as obrigações é valorizado e Deus é adorado.

Em conclusão, as metáforas orientacionais de cima-baixo nos provérbios portugueses e chineses indicam a cognição positiva do lugar alto, das entidades que ocupam lugar alto e dos esforços para subir ao lugar mais elevado. As metáforas ajudaram a organizar uma sociedade hierárquica na história

---

<sup>73</sup> “In the large-power-distance situation, children are expected to be obedient toward their parents. Sometimes there is even an order of authority among the children themselves, with younger children being expected to yield to older children... Respect for parents and other elders is considered a basic virtue... Respect for parents and older relatives lasts through adulthood”. TDA.

<sup>74</sup> “Teachers are treated with respect or even fear”. TDA.

de Portugal e da China que influencia ainda o pensamento e o comportamento dos portugueses e chineses na modernidade. O resultado é que as pessoas são colocadas em posições diferentes da hierarquia e têm atitudes e comportamentos diferentes (obedecer, respeitar, controlar, governar, desprezar, etc.) conforme se acham em posições superiores, inferiores ou iguais às dos outros.

### **3.4 grande e pequeno**

Uma extensão das metáforas de cima-baixo são as metáforas de pessoa alta e de pessoa baixa.

矮子群里难拔出将军来 *ǎizi qún lǐ nán bá chū jiāngjūn lái* (*É difícil escolher um general entre as pessoas baixas*)

Neste provérbio chinês, a metáfora é: PESSOA INCOMPETENTE É PESSOA BAIXA. Há um conceito de altura normal nos humanos; pessoas que ultrapassam este critério são consideradas altas e pessoas que não alcançam este nível são consideradas baixas. Também há um conceito sobre a capacidade de uma pessoa para certo cargo na sociedade, pelo que pessoas que alcançam esse critério são capazes para o cargo, enquanto pessoas que não alcançam esse nível de capacidade não são vistas como capazes para o cargo e por isso são vistas como inúteis. Assim, a altura de uma pessoa é mapeada na capacidade de uma pessoa. A base experiencial possível tem origem em épocas remotas, nas quais quem tinha mais altura tinha mais capacidade de sobreviver, porque tinha mais peso e mais força e por isso impunha-se aos outros:

O alto, proporcionalmente, vai-nos parecer sempre maior porque isso tem implicações nos nossos mecanismos de sobrevivência. Não é por acaso que certos animais, para amedrontarem um inimigo, se erguem quando o enfretam (Teixeira, 2001: 8).

“Gente baixa só tem olho no interesse.”

Neste provérbio português, a metáfora é: PESSOA INTERESSEIRA É PESSOA BAIXA. Esta metáfora é baseada na metáfora VISTA É CONHECIMENTO. Os olhos de pessoas baixas ocupam um lugar mais baixo do que os das pessoas altas, pelo que possuem uma visão mais limitada. Pessoas baixas são consideradas com menos conhecimentos ou pontos de vista, o que limita a sua capacidade de julgar os outros e a si mesmas. Assim, pessoas baixas nos provérbios portugueses e chineses têm um

sentido depreciativo.

A altura da pessoa é relativa ao seu tamanho porque matematicamente a altura de um objeto é o elemento que determina o seu tamanho ou estatura. Pessoa baixa é mesmo referida como *pessoa pequena* na língua portuguesa. Por isso, uma extensão das metáforas de cima-baixo deriva da cognição de pessoa grande e pessoa pequena. Porque pessoas altas são consideradas pessoas competentes e inteligentes, a valorização relativa a pessoas grandes nas culturas portuguesa e chinesa também é positiva, enquanto a perceção sobre pessoas pequenas é negativa. Na China tradicional, o conceito de *homem pequeno* é conotado com 'homem maleducado, imoral e vulgar'. O contrário de *homem pequeno* é 君子 *Junzi*, 'homem honrado', 'que é educado, virtuoso, e de ambição nobre'. Exemplos de provérbios são os seguintes:

“Homem pequeno, fole de veneno.”

君子思天, 小人思食 *Jūnzǐ sī tiān, xiǎorén sī shí* (*Homem honrada pensa sobre o céu, homem pequena pensa sobre o alimento*)

君子动口, 小人动手 *Jūnzǐ dòng kǒu, xiǎorén dòng shǒu* (*Homem honrada usa a sua palavra, homem pequena usa o seu punho*)

No provérbio português “A mulher e a sardinha, quer-se da mais pequenina”, embora a mulher pequena seja valorizada, o conceito de “pequeno” não é positivo, simboliza a fraqueza. A perceção das pessoas pequenas é depende do contexto - situação social dos produtores e utilizadores. Para os homens, as mulheres pequenas são mais frágeis fisicamente, e pois mais controláveis. Assim, para as mulheres, serem pequenas ser controladas pelos homens. O que é positivo para determinado grupo, é negativo para o outro.

Uma base experiencial da cognição negativa de pessoa pequena pode ser o facto de os humanos grandes normalmente fazerem mais esforços físicos, tendo uma posição vantajosa na época primitiva. Para sobreviver sob a ameaça de pessoas mais fortes, as pessoas pequenas tinham de procurar estratégias especiais, em vez de competirem com as pessoas grandes diretamente. As suas estratégias ultrapassavam as expectativas da comunidade e violavam as regras normais, por isso eram consideradas desprezíveis e imorais.

Tal como a hierarquia de pessoa em lugar alto e pessoa em lugar baixo, também existe uma hierarquia de grande e pequeno nos provérbios portugueses e chineses:

大者不伏小 *Dà zhě bù fú xiǎo* (*Os grandes não se baixam aos pequenos*)

大人不记小人仇 *Dàrén bú jì xiǎorén chóu* (*Pessoa grande não guarda rancor de pessoa pequena*)

“Homem grande não desce a coisas baixas.”

“Baixos espíritos nunca acreditam em grandes homens.”

As metáforas são: PESSOA QUE OCUPA POSIÇÃO SOCIAL ALTA É PESSOA GRANDE e PESSOA QUE OCUPA POSIÇÃO SOCIAL BAIXA É PESSOA PEQUENA. Segundo as metáforas de cima-baixo, PESSOA PODEROSA E NOBRE É PESSOA GRANDE, e PESSOA SUBMISSA E DESONRADA É PESSOA PEQUENA.

### 3.5 Torto e direito

Torto e direito, dois estados de determinadas entidades, são usados frequentemente como fonte de conceitos abstratos nos provérbios portugueses e chineses. Segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa* (n.a., 2003), em português *torto* tem dois significados espaciais principais quando descreve o estado de uma entidade: a) '(a linha) curva' e b) 'inclinado'. Correspondentemente, *direito*, o antónimo de *torto*, tem dois significados espaciais opostos a esses: a) 'que segue ou se estende na mesma direção'; e b) 'vertical'. Na língua chinesa não existem as palavras com esses dois significados exatos, mas existem palavras diferentes para cada significado. Segundo *Xiandai Hanyu Guifan Cidian* (2004), o carácter 曲 *qū* significa 'curvo', correspondendo ao significado a) de *torto*; o carácter 歪 *wāi* significa 'inclinado', correspondendo ao significado b) de *torto*; o carácter 正 *zhèng* significa 'vertical ou conforme a direção padrão', correspondendo ao significado b) de *direito*, e o carácter 直 *zhí* significa 'não curvo', correspondendo ao significado a) de *direito*. Assim, tanto 曲 *qū* como 歪 *wāi* podem ser traduzidos em português como *torto*, enquanto 直 *zhí* e 正 *zhèng* podem ser traduzidos como *direito*.

Para além dos significados atuais nos dicionários, é importante examinar mais detalhadamente os conceitos originais de *torto* e *direito* nas duas línguas. A Imagem 2 mostra a evolução das grafias

diferentes do caráter 正 *zhèng* desde a mais antiga que se conhece, uma inscrição em ossos oraculares, até à grafia moderna:



Imagem 2. Evolução da grafia do caráter chinês *zhèng* (正, n.d.)

Originalmente, este caráter é composto por duas partes: o símbolo de cima indica 'direção, destino', e o símbolo de baixo, 'pé'. O significado original é: 'andar em certa direção diretamente'. O símbolo de cima passou a ser o caráter 一 *yī* ('um') e o de baixo tornou-se o caráter 止 *zhǐ* ('parar'), significando 'fica com um e para'<sup>75</sup> (Xu, 2016: 51). Todos os traços dos caracteres para designar em chinês *um*, *parar* e *direito* são paralelos ou perpendiculares à linha horizontal. Assim, o conceito de 正 *zhèng* em chinês é uma 'disposição paralela ou perpendicular a uma linha de referência'. A disposição que não é paralela ou perpendicular a uma linha de referência é designada como 歪 *wāi*. O caráter 歪 *wāi* é estruturado pelos caracteres 不 *bù* ('não') e 正 *zhèng*, indicando o seu significado que 'não está na disposição paralela nem perpendicular a uma linha de referência'. Os conceitos de 正 *zhèng* e 歪 *wāi* destacam a disposição de um objeto.



Imagem 3. Grafia moderna de *wāi* (歪, n.d.)

A etimologia de 曲 *qū* é 'ação de quebrar o bambu', como revela a sua grafia na inscrição em ossos oraculares mostrada na imagem 4 (esquerda). No *Shuowenjiezi*<sup>76</sup> (Xu, 2016) a interpretação de *Qu* é

<sup>75</sup> O texto original em chinês é “守一而止也”.

<sup>76</sup> 说文解字, o primeiro livro da etimologia do chinês.

'com a forma de contentor côncavo servindo para suportar objetos'<sup>77</sup> (p. 425) (ver imagem 4, direita). O conceito de 曲 *qū* e 直 *zhí* destacam a forma de objeto; assim, o objeto de forma lisa sem cavidade nem rutura é 直 *zhí*, senão, é 曲 *qū*.



Imagem 4. Grafias antigas do caráter chinês *qū* (曲, n.d.)

Portanto, embora tanto 正 *zhèng* como 直 *zhí* possam traduzir-se como *direito*, enquanto 歪 *wāi* e 曲 *qū* se traduzem como *torto* em português, não são conceitos iguais. Um objeto pode ser torto (a sua disposição ou a sua forma) e direito (a sua forma ou a sua disposição) ao mesmo tempo.

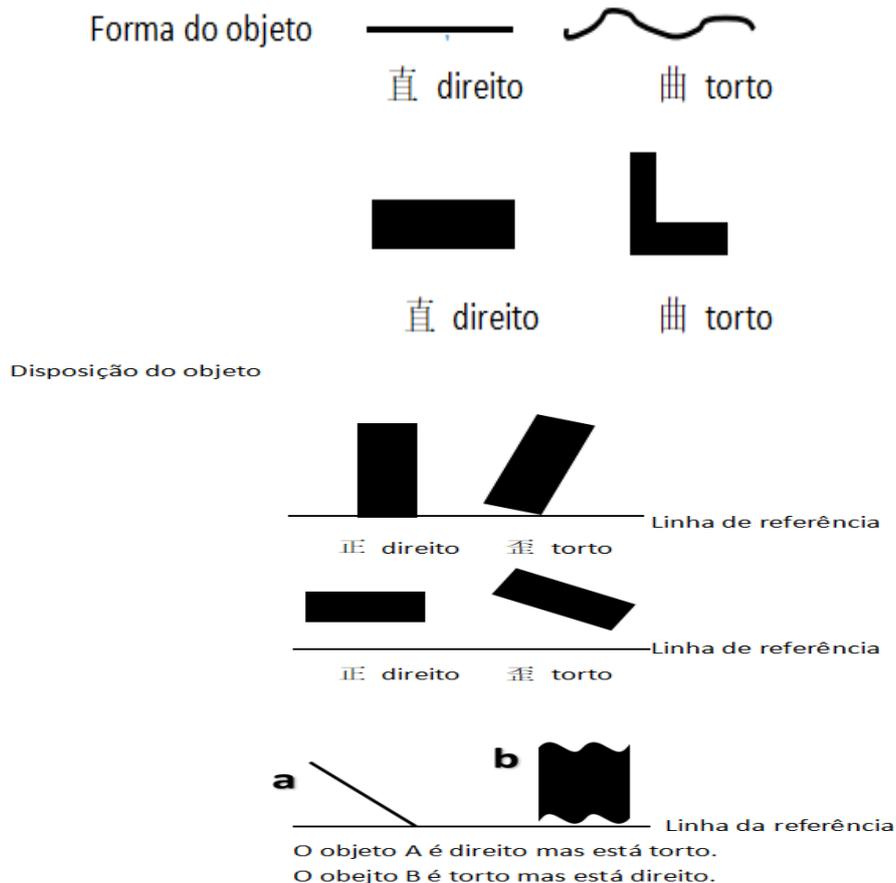


Imagem 5 Apresentação de dois conceitos espaciais de *Torto* e *Direito*

<sup>77</sup> “象器受物之形” TDA.

Além disso, a disposição direita nem sempre significa estar vertical (perpendicular à linha horizontal), podendo significar estar perpendicular ou paralelo relativamente a determinada linha. Esclarecidos estes detalhes diferentes, é possível comparar e analisar as metáforas destes conceitos nas duas línguas, bem como nas duas culturas.

Nos provérbios portugueses, as palavras *torto* e *direito* na aceção denotativa ou a) descrevem a forma natural dos objetos: “Não se endireita a sombra de uma vara torta”, “Quem nasce torto, torto morre”, e “Pau que nasce torto nunca se endireita” indicam que a pessoa de má qualidade nunca se mudará em pessoa boa. “Deus escreve direito por linhas tortas” significa que há males que vêm por bem. Nesses provérbios, as metáforas são: MALDADE É FORMA TORTA; CORRIGIR É ENDIREITAR e BONDADE É FORMA DIREITA.

Nos provérbios chineses o conceito de forma torta ou direita coincide com a dos provérbios portugueses.

No provérbio 没有拉不直的绳子, 没有改不了的过错 *Méiyǒu lā bù zhí de shéngzi, méiyǒu gǎi bù liǎo de guòcuò* (*Não há corda não se pode endireitar, não há erro não se pode corrigir*), as metáforas são: ERRO É OBJETO DA FORMA TORTA, CORRIGIR É ENDIREITAR e CORRETO É DIREITO.

O provérbio 蓬生麻中, 不扶自直 *Péng shēng má zhōng, bù fú zì zhí* (*A vagem da semente do lótus que nasce em amoreiras torna-se direita sem apoio*) significa que num ambiente bom, a pessoa vai ter qualidades boas naturalmente sem ajuda para isso. A metáfora é: BONDADE É FORMA DIREITA.

O provérbio 蛇入筒中曲性在 *Shé rù tǒng zhōng qūxìng zài* (*A serpente que entra no tubo continua a ser torta*) também indica que a pessoa má nunca perde a sua maldade. A metáfora é: MALDADE É FORMA TORTA.

Uma base experiencial possível das metáforas da forma torta-direita é a interação dos humanos com o caminho. Andar por um caminho com uma só direção para um destino é mais eficiente e fácil do que andar por um caminho que muda constantemente de direção. O caminho direito é mais propício para que os seres humanos cheguem ao seu destino, enquanto o caminho torto se torna um impedimento, por isso os homens preferem os direitos aos tortos. Além disso, quando uma pessoa está a enfrentar um caminho direito, a sua vista pode alcançar até ao fundo ou fim sem obstáculos. No *Shuowenjiezi*, 直 *zhí* é 'ver diretamente' (Xu, 2016: 424). A palavra *torto* também tem a aceção de 'cego de um olho

ou a que falta um olho' (n.a., 2003: 1636) em português. Isso indica que a conceptualização de direito e torto tem relação com a vista. O caminho direito permite-nos ter uma vista contínua sem ruturas, e de acordo com a metáfora SABER É VER, o caminho direito permite-nos adquirir informações coerentes e esclarecidas.

*Torto e direito*, quando descrevem a disposição de entidades, só existem nos provérbios chineses. Os provérbios 上梁不正下梁歪 *Shàngliáng bù zhèng xiàliáng wāi* (*Se vigas de casa acima não estão em disposição direita, vigas de casa em baixo vão ficar inclinadas*) e 根不正苗歪 *Gēn bù zhèng miáo wāi* (*Se a raiz não está em disposição direita, a planta vai ficar inclinada*) indicam a influência da família na qualidade de uma pessoa.

O provérbio 正人不做歪事 *Zhèng rén bú zuò wāi shì* (*Pessoa direita não faz coisa inclinada*) significa que 'pessoa honesta não faz má coisa'; o provérbio 身正不怕影儿歪 *Shēn zhèng bù pà yǐng'ér wāi* (*Corpo direito não tem receio de sombra inclinada*) significa que pessoa íntegra não tem receio da nódoa ou desonra.

Nesses provérbios, a disposição direita de entidades é mapeada na qualidade boa de pessoas tal como honestidade e integridade, e a disposição torta de entidades é mapeada na maldade de pessoas tal como a nódoa, a desonra, maus hábitos, injustiça, etc.

As metáforas de disposição direita-torta vem da experiência humana da posição vertical e a importância da posição vertical na construção. “Posição vertical é uma das primeiras experiências das pessoas no espaço”<sup>78</sup> (Rifat & Domen, 2018: 2), é uma direção “que se distingue pela força da gravidade” (Arnheim, 1977: 32). Quando os humanos estão de pé, estão vertical em relação à terra por causa da gravidade. Além disso, “a vertical atua como eixo e quadro de referência para todas as outras direções”<sup>79</sup> (Arnheim, 1977: 32). Por isso, a posição vertical é o mais natural e importante para os humanos.

A favor da compreensão da importância da vertical como produto da gravitação, há um facto irresistível de que não há registros de alguém que queira uma cama ou mesa de jantar no nível da encosta. Isso não é apenas uma coisa pragmática, mas também uma coisa de (des)orientação que é óbvia ao sair da vertical. Os nossos corpos e mente experimentam isso como as situações alarmantes (Rifat & Domen, 2018: 2)<sup>80</sup>.

<sup>78</sup> “Vertical position is one of people’s first experiences in space”. TDA.

<sup>79</sup> “Distinguished by the pull of gravity”, “The vertical acts as the axis and frame of reference for all other directions”. TDA.

<sup>80</sup> “In favour to the comprehension of importance of vertical as a product of gravitation, there is an irresistable fact that there are no records of anyone wanting a bed or dining table on slope level. That is not only pragmatical thing, but also a thing of (dis)orientation which is obvious in stepping out of vertical.

Os objetos verticais têm estabilidade quando a posição inclinada traz risco de cair. Esta regra é aplicada na construção desde o tempo remoto.

Se dermos uma olhada na história do edifício e nas primeiras experiências humanas do espaço, inevitavelmente encontramos o fenômeno vertical, instintivamente percebido como uma ferramenta forte de orientação. (...) Desde as primeiras marcas no espaço, sobre zigurates e pirâmides pelo desenvolvimento total de edifícios sacrais, percebe-se uma importância insubstituível da vertical<sup>81</sup> (Rifat & Domen, 2018: 5).

Durante a construção dos prédios, “uma linha de prumo é usada e todas as outras direções são determinadas de acordo com a direção vertical”<sup>82</sup> (Rifat & Domen, 2018: 2). Os pilares que suportam os prédios também devem ser verticais. Assim, a disposição direita é considerada normal, útil, enquanto, por norma, a disposição inclinada ou torta são consideradas irregulares, anormais e estranhas.

A outra base experiencial da percepção de disposição direita dos chineses vem da observação da regra natural e a crença dos chineses antigos que a terra é um quadrado. Esta crença é mostrada no *Huainanzi* de Liu An, na sessão de *Astronomia*. Este clássico chinês da dinastia Han recorda o método de verificar as direções leste, oeste, sul e norte. A maneira é observar a localização do sol. O ponto em que o sol aparecia na linha horizontal e o ponto em que desaparecia na mesma linha no dia mais longo, e os pontos no dia mais curto sugerem as quatro direções. Naturalmente, as quatro direções são perpendiculares entre si, e forma-se um quadro - a terra. O livro até recorda o método de medir a distância entre leste e oeste, sul e norte, bem como o ângulo entre leste e sul, leste e norte, norte e oeste, etc. Assim, a percepção tradicional dos chineses antigos da terra é um quadrado. Por isso, os chineses antigos adoravam o “direito”, porque é uma apresentação da grande alma justa da terra (Wu, 2019: 149). O ângulo reto é considerado conforme à ordem da natureza, a disposição conforme às direções básicas é direita, e ser direito é normal, regular e é respeitar a natureza.

No contexto cultural da China, a dimensão retilínea é muito valorizada. A retidão pode ser exemplificada por um quadrado ou retângulo cujas linhas são paralelas às quatro direções básicas. A estruturação da Cidade Proibida, o palácio dos imperadores na dinastia Ming, bem como na dinastia Qing, tem a disposição direita com as suas muralhas paralelas nas direções básicas. Este arranjo obedece à

---

Our bodies and mind experience such situations as alarming ones”. TDA.

<sup>81</sup> “If we take a look at the building history and first human experiences of space, we inevitably meet phenomenonn of vertical, instinctively perceived as a strong orientation tool... From the very first marks in the space, over ziggurats and pyramids all through the total development of sacral buildings, irreplaceable importance of vertical is being sensed”. TDA.

<sup>82</sup> “A plumb line is used and every other direction is determined according to vertical direction”. TDA.

“ordem” da natureza e mostra a reverência à natureza na cultura chinesa.

A dimensão retilínea também é parte importante da etiqueta no confucionismo. Confúcio aconselha que, “se a esteira não estiver reta, não se sente”<sup>84</sup> (Confúcio, 2018: 122), e “se o imperador dá a comida (ao súdito), o súbdito deve retificar a posição da sua esteira antes de provar”<sup>85</sup> (Confúcio, 2018: 124). A posição direita representa o respeito e o ser-se decente.

A natureza é fundamental para a sobrevivência humana, e os homens respeitam as regras porque os ajudam a organizar e apreender melhor o mundo. A dimensão retilínea é considerada como regra porque conforme às regras naturais. O que é conforme às regras naturais é considerado correto. Assim, CORRETO É DIREITO; retificar é corrigir os erros para um estado correto.

No confucionismo, a retificação é valorizada como o núcleo do governo. Confúcio sugeriu que “retificar o nome”<sup>86</sup> era o mais importante no governo. Acreditava que cada nome tinha um conteúdo certo, o seu significado, com certas regras. “Retificar o nome” é corrigir o comportamento que não obedece às regras levando-o a alinhar-se com as mesmas. Por exemplo, o pai deve comportar-se como um pai, ou seja, deve comportar-se segundo os Ritos de pai, ritos esses que são regras escondidas no nome *pai*.

Se os nomes não estão retificados, o discurso não é razoável; se o discurso não é razoável, os atos não se completam; se os atos não se completam, os Ritos e a Música não surgem; se os Ritos e a Música não surgem, as punições não são justas; se as punições não são justas, o povo não sabe o que fazer<sup>87</sup> (Confúcio, 2018: 157).

Em conclusão, há torto e direito tanto nos provérbios portugueses como nos chineses, e embora os conceitos de *torto-direito* não sejam iguais nas duas línguas, as suas metáforas são coincidentes. Contudo, os provérbios portugueses focam-se mais na forma das entidades e ignoram o aspeto da disposição, havendo vários provérbios chineses centrados na disposição direita e torta. As metáforas de torto-direito são mais importantes na cultura chinesa até se tornam na filosofia política nuclear.

### 3.6 Conceitos-chave: tempo e vida

Além de entidades e substâncias, os homens têm de tratar de conceitos abstratos tais como os de amor, tempo, emoção, virtude, etc. Dentro dos conceitos abstratos, alguns são universais e

---

<sup>84</sup> “席不正，不坐”. TDA.

<sup>85</sup> “君賜食，必正席先嘗之”. TDA.

<sup>86</sup> “正名”. TDA.

<sup>87</sup> “名不正，則言不順；言不順，則事不成；事不成，則禮樂不興；禮樂不興，則刑罰不中；刑罰不中，則民無所措手足”. TDA.

fundamentais para o homem. A compreensão desses conceitos abstratos estrutura os comportamentos repetitivos dos indivíduos bem como das comunidades.

Neste ponto examinar-se-ão as metáforas de dois conceitos abstratos e fundamentais — tempo e vida — nos provérbios portugueses e chineses. Embora nos seguidos provérbios, *tempo* e *vida* sejam compreendidos pelas várias entidades e substâncias, as metáforas nesses provérbios não pertencem a metáfora ontológica, uma classificação proposta pelos Lakoff e Johnson (1980), porque essas metáforas não organizam um sistema total da língua chinesa e portuguesa. No entanto, as seguintes metáforas pertencem a Novas Metáfora, o que redefinem os conceitos - tempo e vida, e oferecem uma compreensão nova a *tempo* e *vida*.

“O tempo é ouro.”

寸时寸金 *Cùn shí cùn jīn* (*Polegadas de tempo, polegadas de ouro*)

Antes da metáfora muito geral TEMPO É DINHEIRO, que emergiu durante a Revolução Industrial, de acordo com Lakoff e Johnson (1980), já existia uma metáfora semelhante no provérbio português e no chinês. Com a descoberta do metal, os humanos passaram a usar os metais nas trocas comerciais. O ouro eram um dos recursos de valor elevado porque era difícil de encontrar. Para a maioria da população — os povos pobres — o ouro era inalcançável. A metáfora TEMPO É OURO mapeia a limitação do ouro na limitação do tempo para os indivíduos; também mapeia o valor sem preço do ouro para os pobres no valor sem preço do tempo. A metáfora sublinha que o tempo é limitado e o seu valor é sem preço, ilimitado ou incalculável.

“O tempo e a maré não esperam por ninguém.”

“Voa o tempo como o vento”; “O tempo voa.”

光阴好似河流水，只能流去不能回 *Guāngyīn hǎosì hé liúshuǐ, zhǐ néng liú qù bù néng huí* (*O tempo é o fluxo do rio, só pode fluir, não pode voltar*)

百岁光阴如过客 *Bǎi suì guāngyīn rú guòkè* (*Cem anos são como um transeunte*)

光阴似箭 *Guāngyīn sì jiàn* (*O tempo é como uma flecha*)

As metáforas do tempo nos provérbios portugueses e chineses acima destacam a sua passagem. O movimento rápido e sem retorno da maré, do vento, do transeunte e da flecha é mapeado na passagem do tempo sem paragem nem repetição.

“O tempo é mestre.”

Este provérbio português mostra a metáfora de forma direta. O tempo é personificado. Os eventos acontecidos ao longo do tempo são considerados como trazidos e controlados pelo tempo. A função de controlo e guia do mestre sobre os seus entes é mapeada na função de controlo e guia do tempo sobre os eventos. O aspeto de controlo do tempo é destacado.

“Tempo é remédio.”

Eis outro provérbio português que é a própria metáfora ao mesmo tempo. Esta metáfora também considera os eventos acontecidos ao longo do tempo como trazidos ou causados pelo tempo. Os eventos que podem remediar os eventos passados ou as emoções humanas na passagem do tempo são a função do tempo. A função de melhorar o que aconteceu no passado é sublinhada.

时间就是生命 *Shíjiān jiù shì shēngmíng* (tempo é vida).

Neste provérbio chinês que também é a própria metáfora, as correlações entre tempo e vida revelam que, para os indivíduos, estar vivo é a pré-condição de ter tempo. A vida é constituída e calculada pelo tempo. Além disso, quando em situação de perigo, salvar a vida exige tempo, aproveitar o tempo ajuda a salvar vidas. Esta metáfora ou provérbio destaca a importância do tempo para a vida humana.

A figura 12 apresenta a cognição metafórica do tempo em geral nos provérbios portugueses e chineses. Comparando as metáforas nos provérbios indicados, tanto os portugueses como os chineses admitem a dimensão limitada e valorizadora do tempo, bem como a sua passagem unidirecional, rápida e sem paragem. Para os portugueses, o tempo tem um papel ativo, pode controlar e melhorar a vida humana sem intervenção pessoal; a sua função permite o estado passivo das pessoas. Para os chineses, o tempo tem valor grande, é limitado, não para nem retorna, e como tal é importante, por isso as pessoas têm de o controlar e aproveitar.

Aspeto de tempo	Fonte PT	Fonte CH	Aspeto de Fonte
Duração limitada para os indivíduos; valor impagável	Ouro		Número limitado; valor impagável para os pobres
Passagem unidirecional, rápida, e sem paragem	Maré, vento	Fluxo, flecha, transeunte	Movimento unidirecional, rápido e sem paragem
Função de controlo dos eventos	Mestre		Função de guia
Função de melhorar os eventos passados ou emoções passadas	Remédio		Função de curar
Importância		Vidas	Importância

Figura 12. Comparação de metáforas do tempo nos provérbios portugueses e chineses

O resultado dos aspetos diferentes nas metáforas do tempo nos provérbios portugueses e chineses é a atitude diversa relativamente ao tempo nas duas culturas. As atitudes diferentes depois influenciam os comportamentos diferentes. Por exemplo, “chegar atrasado a um compromisso (...) é norma aceite na maioria dos países do Mediterrâneo”<sup>88</sup> (*Time in Different Cultures*, 2019), incluindo Portugal, enquanto na China chegar atrasado na maioria das ocasiões não é aceitável e é fortemente desaprovado.

Nos provérbios portugueses e chineses existem várias metáforas de vida. Quando o provérbio português escolhe a Fonte *sono* para redefinir o Alvo *vida*, o provérbio chinês escolhe a Fonte *Sonho*, o que se manifesta durante o sono.

“A vida é um sono de que a morte nos desperta.”

人生一世，大梦一场 *Rénshēng yí shì, dà mèng yì chǎng* (A vida, um grande sonho)

No caso do provérbio português, a metáfora é VIDA É SONO. O começo do sono é mapeado no nascimento da pessoa; a morte é despertar; a duração da vida pessoal relativamente curta para os humanos é a duração curta do sono. No provérbio chinês, a metáfora é VIDA É SONHO. Os eventos imprevisíveis da vida são os eventos imprevisíveis no sonho. Porque o sonho não é a realidade, o que acontece no sonho não é importante. Neste sentido, o aspeto de que não se pode controlar a vida, e de que os eventos maus ou bons na vida não são importantes são destacados.

“A vida humana sem religião é viagem sem roteiro, é navegação sem bússola.”

<sup>88</sup> “Being late for an appointment, ... is the accepted norm in most Mediterranean ... countries”. TDA.

Neste provérbio português há duas metáforas da vida: VIDA É VIAGEM e VIDA É NAVEGAÇÃO. As pessoas são os viajantes ou os navegadores. A morte é o fim da viagem ou navegação. Os eventos da vida são os eventos da viagem ou navegação — dificuldades são estradas esburacadas ou tempestades durante a navegação, eventos bons são caminho plano ou bons tempos no mar; o guia espiritual da vida é o roteiro da viagem ou bússola da navegação. Nestas metáforas, o processo da vida, em vez do resultado da vida, é o elemento destacado.

“Viver é lutar.”

Neste provérbio português que também é uma metáfora, as dificuldades ou os eventos maus na vida são os inimigos; os amigos e as famílias são os aliados; a falha na vida é a derrota na guerra e o sucesso é a vitória; cada indivíduo é soldado. Nesta metáfora, os aspetos de dificuldade da vida e a capacidade ou obrigação de os indivíduos enfrentarem os eventos maus de maneira ativa, na vida, são sublinhados.

人生好似一盘棋 *Rénshēng hǎosì yì pán qí* (A vida é como um jogo de xadrez)

No jogo de xadrez também há um inimigo, a derrota e a vitória, mas a metáfora VIDA É JOGO DE XADREZ, neste provérbio chinês, não destaca estes aspetos. Jogar xadrez requer estratégia, sabedoria e paciência. Cada movimento no jogo pode resultar em derrota ou vitória. Às vezes, o jogador em desvantagem pode ficar em grande vantagem através de um simples movimento. Nesta metáfora, tomar decisões na vida é iniciar o movimento no jogo de xadrez; estar em situações boas é estar em vantagem no jogo de xadrez e enfrentar uma dificuldade é estar em desvantagem no jogo de xadrez; a estratégia e sabedoria para tomar uma decisão é a estratégia e sabedoria para iniciar os movimentos no jogo de xadrez; uma decisão pode mudar o destino e um movimento pode determinar a vitória. O aspeto da importância das decisões na vida é sublinhado.

人在世上一台戏 *Rén zài shì shàng yì tái xì* (A vida humana é uma peça de teatro)

Este provérbio chinês também é uma metáfora. Os indivíduos, na vida, são os atores na peça de teatro; o destino predeterminado do indivíduo é o guião da peça; as identidades diferentes das pessoas são os

papéis; os eventos da vida são o enredo — vida com eventos alegres é comédia, vida com eventos tristes é tragédia. Esta metáfora destaca as identificações predeterminadas das pessoas e os destinos predeterminados das suas vidas.

A figura 13 apresenta a cognição metafórica em geral da vida nos provérbios portugueses e chineses mencionados:

Aspeto da vida	Fonte PT	Fonte CH	Aspeto de Fonte
Capacidade e obrigação de o indivíduo enfrentar dificuldades na sua vida	Luta		Tem soldados, inimigos, derrotas e vitórias
Duração curta; tem nascimento e morte	Sono		Duração curta; tem começo e despertar;
Tem eventos imprevisíveis; irrealidade		Sonho	Tem eventos incontroláveis; insignificância
Pessoas; eventos bons e maus; guia da vida	Viagem, navegação		Viajantes ou navegadores; caminho plano e esburacado, ou tempo bom e mau no mar; roteiro ou bússola
As pessoas têm identificações predeterminadas; o destino é predeterminado; tem vários eventos		Peça de teatro	Tem atores com papéis predeterminados; tem guião; tem enredos diferentes
O destino de vida é dependente das decisões; a decisão requiere sabedoria; tem eventos bons e maus		Jogo de xadrez	O resultado do jogo é determinado pelos movimentos; estes requerem estratégias; tem situações de vantagem ou desvantagem para os jogadores

Figura 13. Comparação de metáforas sobre a vida nos provérbios portugueses e chineses

Comparando as metáforas de vida apresentadas nos provérbios, observa-se que os portugueses destacam o papel ativo dos homens na vida — conseguem determinar as suas vidas (VIVER É LUTAR), mas os chineses destacam o seu papel passivo — os homens não têm controlo sobre os seus destinos e têm de aceitar a sua condição e cumprir ou desempenhar as obrigações respetivas (VIDA É PEÇA DE TEATRO). Contudo, os chineses também admitem a função ativa dos humanos, acham que têm de tomar cada decisão com cuidado e valorizam o resultado das decisões (VIDA É JOGO DE XADREZ), enquanto os portugueses valorizam mais o processo da vida (VIDA É VIAGEM, VIDA É

NAVEGAÇÃO).

**Capítulo IV**  
**Conclusão**

Nesta dissertação começou-se por referir o estado dos estudos acerca dos provérbios portugueses e chineses, resumiu-se a teoria da metáfora conceptual e analisou-se a relação entre a metáfora e os provérbios, e comparou-se a cognição específica dos domínios marítimos (mar, peixe, ondas, vento, tempestade, costa, navegação e leme), das cores (branco e preto), dos domínios orientadores (cima-baixo) e suas extensões (grande-pequeno), dos domínios de torto-direito (no sentido da forma bem como da disposição) e dos domínios-chave (tempo e vida) tanto da cultura portuguesa como da chinesa, através do exame dos respetivos provérbios.

A perspetiva humana dos conceitos é dividida geralmente em valorização positiva e valorização negativa. O que beneficia a sobrevivência é bom e o que não a beneficia é mau. Isso mostra o instinto humano de procurar os benefícios e prevenir de danos. Dentro de alguns domínios, a cognição dos portugueses e chineses revela coincidências. A interação consigo mesmos e a interação básica com a natureza por parte dos seres humanos determinou a cognição universal dos conceitos correlacionados, porque as regras biológicas e naturais são iguais, são independentes da cultura. Como discutido no Capítulo III, a cognição metafórica de branco e preto, de cima e baixo, de torto e direito, é coerente nos provérbios portugueses e chineses porque as bases experienciais são universais: a importância da vista e a sua condição — luz; a admiração humana pelo Céu por causa da importância do sol, da lua e do clima para os humanos; a distinção das direções básicas e a estabilidade dos prédios direitos, etc.

A cognição dos outros domínios varia nos provérbios portugueses e chineses. Isto porque os ambientes naturais são diferentes. O ambiente natural determina as atividades económicas, as atividades económicas determinam o sistema político e o pensamento. Portugal é privilegiadamente uma civilização marítima enquanto a China é uma civilização agrícola. A vida dos portugueses depende mais do mar e por isso valorizam mais o mar, a aventura, a viagem, a mudança, etc. Os chineses dependem da terra, valorizam mais a terra, a estabilidade, a segurança, a harmonia, etc. As culturas diferentes desenvolvidas em terras diferentes determinam o contexto cultural das metáforas, influenciando a cognição dos domínios marítimos, dos conceitos abstratos, e ao mesmo tempo são influenciadas pela cognição desses conceitos.

Verificou-se nesta dissertação que a metáfora conceptual analisada na perspetiva cognitiva, primeiramente é aplicado ao inglês, é igualmente produtiva tanto em português como em chinês, e que o provérbio é um bom recurso para a estudar. Identificaram-se algumas metáforas nos provérbios portugueses e chineses, comparando-as e discutindo a sua base experiencial, contexto e influências.

Contudo, os domínios e os provérbios discutidos nesta dissertação são muito limitados. O facto de uma metáfora não se encontrar nos provérbios de certa língua não significa que não exista nessa cultura. Até nos provérbios da mesma cultura existe contradição na perceção ou construção de um conceito. Além disso, o facto de uma metáfora existir em muitos provérbios não que é conhecida por todas as pessoas nessa cultura, pois o conhecimento varia de indivíduo para indivíduo. Assim, quando uma metáfora nos provérbios em determinada língua revela certa perceção sobre determinado conceito nessa cultura, a sua representação ou revelação não é absoluta. Procurar as perceções e concetualizações de determinada comunidade é um processo complexo e sem fim.

Durante a minha pesquisa deste assunto, deparei com algumas dificuldades. A tradução entre línguas é complexa, porque nem todas as palavras têm equivalência na outra língua. A sabedoria e o conhecimento dos provérbios, especialmente dos provérbios portugueses, são difíceis de alcançar, por falta de interpretações que se possam verificar, com já mencionado no Capítulo I.

Para o estudo comparativo das metáforas nos provérbios portugueses e chineses, espera-se que no futuro mais domínios sejam comparados e que as suas bases do estudo e o corpus sejam mais extensos e organizados.

## Referências bibliográficas

- Arnau, H., Bastons, C., Domènech, M., López-Jordà, F., Solanas, V. L., Ruiz, F. & Sariol, J. (1997). *Diccionario terminológico*. Barcelona: Vicens Vives.
- Arnheim, R. (1977). *The Dynamics of Architectural Form*. University of California Press: Berkeley.
- Barcelona, A. (2003a). Introduction. The cognitive theory of metaphor and metonymy. in A. Barcelona (Ed.), *Metaphor and Metonymy at the Crossroads: A Cognitive Perspective* (1-30). Berlin: Mouton de Gruyter.
- Barcelona, A. (2003b). On the plausibility of claiming a metonymic motivation for conceptual metaphor. in A. Barcelona (ed.), *Metaphor and Metonymy at the Crossroads: A Cognitive Perspective* (31-58). Berlin: Mouton de Gruyter.
- Barros, A. L. (2014), "Referências interculturais oitocentistas nas obras metalinguísticas em português e chinês do P.<sup>e</sup> Joaquim Gonçalves", *Diacrítica* 28-1, pp. 103-133.
- Barros, A. L., & Ng A.C. (2014), *Gramática e Diálogos em Português e Chinês: um manuscrito inédito do P.<sup>e</sup> Joaquim Afonso Gonçalves*, Introdução e Edição crítica de Anabela Leal de Barros, com Fixação dos caracteres chineses por Ana Ng Cen, Braga: Instituto Confúcio e Edições Húmus.
- Barros, A. L., & Ng A.C. (2017), *O método de Joaquim Afonso Gonçalves para o ensino-aprendizagem do Chinês e do Português: edição actualizada do códice 7975 da Biblioteca Nacional de Portugal*, Introdução e Edição crítica interpretativa de Anabela Leal de Barros, com Fixação dos caracteres chineses por Ana Ng Cen, Famalicão / Braga: Edições Húmus e Instituto Confúcio da Universidade do Minho.
- Birmingham, D. (2018). *A Concise History of Portugal* (3.<sup>a</sup> ed.). Cambridge: Cambridge University Press.
- Confúcio (2018). *Os Analectos*. in 钱小北 (ed. lit.), 论语译注本. Nanquim: Jiangsu Fenghuang Wenyi Press.
- Corassin, M. L. (2006). O Cidadão Romano na República. *Projeto História*, 33, pp. 271-287.
- Fei, X. T. 费孝通 (1988). 中华民族的多元一体化格局 [A situação da integração pluralista do povo chinês]. in *Beijing Daxue Xuebao*, Pequim, 1989 (1-19).
- Feyaerts, K. (2003). Refining the Inheritance Hypothesis: Interaction between metaphoric and metonymic hierarchies. Em A. Barcelona (Ed.), *Metaphor and Metonymy at the Crossroads: A Cognitive Perspective* (59-78). Berlin: Mouton de Gruyter.
- Fu, J. R. 付建荣 (2018). On the Construction of the History of Chinese Proverbs from the Perspective of Multi-integration National View. *Inner Mongolia Social Sciences*, 39 (4), pp. 117-122.
- Grady, J. E. (1997). *Foundations of Meaning: Primary Metaphors and Primary Scenes*. Dissertação de Doutorado, University of California, Berkeley, U.S.A.
- Guedes, R. (Ed.) (1996). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (25.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Bertrand Editora.
- Han, Y. 韩莹 & Zheng, S. P. 郑珊培 (2016). 中葡谚语互译中存在的困难 [Dificuldades na tradução de provérbios chineses e portugueses]. *Culture Journal*, 2, pp. 157-159.
- Hofstede, G., Hofstede, G. J. & Minkov, M. (2010). *Cultures and Organizations: Software of the Mind* (3.<sup>a</sup> ed.). McGraw Hill Professional.

- Kardec, A. (2002). *O Céu e o Inferno*. São Paulo: Livraria Allan Kardec Editora (originalmente publicado em 1865).
- Kövecses, Z. (2015). *Where Metaphors Come from*. New York: Oxford University Press.
- Lakoff, G. & Johnson, M. (1980). *Metaphors we live by*. London: University of Chicago Press.
- Lakoff, G. (1992). The Contemporary Theory of Metaphor. Em A. Ortony (Ed.), *Metaphor and Thought* (202-251). Cambridge: Cambridge University Press.
- Li, X. J. 李行健(ed.) (2004). *现代汉语规范词典*(3.<sup>a</sup> ed.). Pequim: Foreign Language Teaching and Research Press.
- Liu, A. 刘安(2016). *淮南子*. in Chen, G. Z. 陈广忠(Ed.), *淮南子译注*. Shanghai: Shanghai Classics Publishing House.
- Liu, M. R. (2012). *Provérbios e Expressões Idiomáticas em Português e Chinês*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Letras e Ciências Humanas - Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Lv, Q. F. (2018). *Provérbios com Animais em Chinês e Português: Estudo Contrastivo*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Letras e Ciências Humanas - Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Machado, J. P. (org.) (2011). *O Grande Livro dos Provérbios* (4.<sup>a</sup> ed.). Alfragide: Casas das Letras.
- Mao, Y. Q. (2018). *Contributos para o estudo contrastivo de provérbios e idiomatismos em português e chinês: as obras metalinguísticas de Joaquim Afonso Gonçalves*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Letras e Ciências Humanas - Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Mêncio (2017). *Mencius*. in Ren, X. B. 任宪宝(Ed.), *孟子:注,译,析* Pequim: Zhongguo Yan Shi Press.
- N.a. (2003). *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Proença, M. C. (2015). *Uma História Concisa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Reddy, M. J. (1979). The Conduit Metaphor - A Case of Frame Conflict in Our Language about Language. in A. Ortony (ed.), *Metaphor and Thought* (284-324). Cambridge: Cambridge University Press.
- Rosch, E. (1978). Principles of Categorization. in E. Rosch & B. B. Lloyd (Eds.), *Cognition and categorization* (27-48). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Teixeira, J. (2001). O Homem e O(s) Seu(s) Espaço(s). in J. Teixeira, *A Verbalização do Espaço: Modelos Mentais de Frente / Trás* (Capítulo II). Universidade do Minho: Braga.
- Teixeira, J. (2013). *Metaphors, We Live By: Metáfora, verdade e mentira nas línguas naturais*. *Revista Galega de Filologia*, 14, pp. 201-225.
- Vale, A. (2015). *Puxar a Brasa à Nossa Sardinha*. Lisboa: Manuscrito Editora.
- Venclovská, N. (2010). *Animais nos Provérbios Portugueses*. Dissertação de Mestrado, Faculdade Filosófica - Universidade Masaryk: Brno, Checa.
- Wildgen, W. (1994). *Process, Image and Meaning*. Amsterdam: John Benjamins.
- Wu, C. X. 吴楚鑫(2019). 以故宫为例浅析建筑的文化性和艺术性[Análise a dimensão cultural e artística da arquitetura com exemplo de Cidade Proibida]. *Hanyu Wenhua*, 3, pp. 149-150.
- Xu, S. 许慎(2016). *说文解字*, in Guan, J. H. 关俊红(Ed.), *说文解字*. Hangzhou: Zhejiang Guji Press.
- Xu, Z. C. 徐宗才 & Ying, J. L. 应俊玲(eds.) (2011) *俗语词典* [Dicionário de Suyu] (2.<sup>a</sup> ed.). Pequim: The Commercial Press.

Xunzi 荀子(2016). 荀子, in Jiao, Z. D.焦子栋(Ed.), 荀子通译. Jinan: Qi Lu Press.

Yixi, D. Z.益西旦增(2017). 藏, 汉, 英语起源初探[Estudo preliminar da origem dos provérbios tibetanos, chineses e ingleses]. *Xizang Keji*, 10, pp. 14-16.

Zhu, X.朱熹(ed.) (2015). 诗集传, in Wang, H. B.王华宝(org.), 四书五经 2. Jiangsu: Fenghuang Press.

## Weblinks Consultados

- McBride, D. (2010). The Human Eye and Vision [em linha]. *Kansas State University Physics Education Research Modern Miracle Medical machines*. Consultado a 11-5-2019, em <https://web.phys.ksu.edu/mmmm/student/vision.pdf>.
- N.a., (2012). *Yili 仪礼*. Consultado a 8-6-2019, em [www.guoxue.com/book/yili](http://www.guoxue.com/book/yili)
- N.a., (n.d.). Em ZDIC, consultado a 13-5-2019, em <https://www.zdic.net/hans/曲>
- N.a., (n.d.). Em ZDIC, consultado a 13-5-2019, em <https://www.zdic.net/hans/歪>
- N.a., (n.d.). Em ZDIC, consultado a 13-5-2019, em <https://www.zdic.net/hans/正>
- Rifat, A. & Domen, Z. (2018). Em E3S Web of Conferences, consultado a 6-7-2019, em <https://doi.org/10.1051/e3sconf/20183301031>
- Time in Different Cultures (2019). in *Exactly What Is Time*. Consultado a 5-6-2019, em [www.exactlywhatistime.com/other-aspects-of-time/time-in-different-cultures/](http://www.exactlywhatistime.com/other-aspects-of-time/time-in-different-cultures/)
- Xatara, C. M. & Succi, T. M. (2008). Revisitando o conceito de provérbio. *Veredas*, 12 (1), 33-48. Consultado a 7-5-2019, em <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo31.pdf>

## Anexo

### Lista de Provérbios Utilizados

**Provérbios chineses (listados alfabeticamente):** procurados em Xu, Z. C. & Ying, J. L. (eds.) (2011) *Suyu Cidian* [Dicionário de Suyu] (2.<sup>a</sup> ed.). Pequim: The Commercial Press.

A estrutura da lista seguinte vai ser:

Provérbio em chinês *pinyin* (*Significado literal*) (página no *Suyu Cidian*)

矮子群里难拔出将军来 *ǎizi qún lǐ nán bá chū jiāngjūn lái* (*É difícil escolher um general entre as pessoas baixas*) (3)

把舵的不慌，乘船的人才能稳当 *bǎ duò de bù huāng, chéng chuán de rén cái néng wěndāng* (*Só se a pessoa que controla o leme não entrar em pânico é que as outras pessoas no barco ficarão estáveis*) (14)

白马不挂黑缨，好人不受污蔑 *báimǎ bú guà hēiyīng, hǎorén bú shòu wūmiè* (*Cavalo branco não pendura fita preta, pessoa boa não aceita a difamação*) (20)

白是白，黑是黑 *bái shì bái, hēi shì hēi* (*Branco é branco, preto é preto*) (21)

百岁光阴如过客 *bǎi suì guāngyīn rú guòkè* (*Cem anos são como um transeunte*) (25)

撑船撑到岸，助人助到底 *chēng chuán chēng dào àn, zhù rén zhù dào dǐ* (*Conduza o barco até à costa, ajude a pessoa até ao fim*) (109)

吃得苦中苦，方为人上人 *chī dé kǔ zhōng kǔ, fāng wéi rén shàng rén* (*Quem consegue comer o mais amargo pode estar acima das outras pessoas*) (p. 114)

吃水不忘挖井人 *chī shuǐ bú wàng wājǐngrén* (*Quando beber água, lembre-se do homem que cavou o poço*) (124)

寸时寸金 *cùn shí cùn jīn* (*Polegadas de tempo, polegadas de ouro*) (156)

大者不伏小 *dà zhě bù fú xiǎo* (*Os grandes não se baixam aos pequenos*) (180)

大人不记小人仇 *dàrén bú jì xiǎorén chóu* (*Pessoa grande não guarda rancor de pessoa pequena*)

(186)

地有高低，人有贵贱 *dì yǒu gāo dī, rén yǒu guì jiàn* (*Há terras altas e baixas, há pessoas nobres e indignas*) (210)

父母是层天 *fùmǔ shì céng tiān* (*Os pais são o céu*) (272)

根不正苗歪 *gēn bú zhèng miáo wāi* (*Se a raiz não está em disposição direita, a planta vai ficar inclinada*) (293)

光阴好似河流水，只能流去不能回 *guāngyīn hǎo sì hé liú shuǐ, zhǐ néng liú qù bù néng huí* (*O tempo é o fluxo do rio, só pode fluir, não pode voltar*) (323)

光阴似箭 *guāngyīn sì jiàn* (*O tempo é como uma flecha*) (323]

海阔凭鱼跃 *hǎi kuò píng yú yuè* (*O peixe pode saltar à vontade no mar vasto*) (336)

和为贵，忍为高 *hé wéi guì, rěn wéi gāo* (*Harmonia é nobre, aguentar é alto*) (363)

黑的白不了，白的也黑不了 *hēi de bái bù liǎo, bái de yě hēi bù liǎo* (*O que é preto não se torna branco, e o que é branco também não se torna preto*) (365)

会行船的，不怕大风大浪 *huì xíng chuán de, bú pà dàfēng-dàlàng* (*Quem sabe navegar não tem medo de ventos fortes e ondas grandes*) (398)

久经沧海难为水 *jiǔjīng cānghǎi nán wéi shuǐ* (*Quem tem larga experiência de mar não será atraído pela água*) (469)

久走夜路必撞鬼 *jiǔ zǒu yèlù bì zhuàng guǐ* (*Se andar à noite muitas vezes vai encontrar fantasmas*) (469)

君子动口，小人动手 *jūnzǐ dòng kǒu, xiǎorén dòng shǒu* (*Pessoa honrada usa a sua palavra, pessoa pequena usa o seu punho*) (483)

君子思天，小人思食 *jūnzǐ sī tiān, xiǎorén sī shí* (*Pessoa honrada pensa sobre o céu, pessoa pequena pensa sobre o alimento*) (484)

苦海无边，回头是岸 *kǔhǎi wú biān, huítóu shì àn* (*Mar amargo é sem limites, se volta, é a costa lá*) (500)

浪里知船，难中知友 *làng lǐ zhī chuán, nán zhōng zhī yǒu* (*Conhece-se o barco na onda, conhece-se o amigo na dificuldade*) (514)

老天有眼 *lǎotiān yǒu yǎn* (*O céu tem olhos*) (528)

黎明前是最黑暗的 *lí míng qián shì zuì hēi àn de* (*Antes do amanhecer é o mais escuro*) (535)

没有拉不直的绳子，没有改不了的过错 *méiyǒu lā bù zhí de shéng zi, méiyǒu gǎi bù liǎo de guòcuò* (*Não há corda não se pode endireitar, não há erro não se pode corrigir*) (602)

能者上，庸者下 *néng zhě shàng, yōng zhě xià* (*Pessoas capazes sobem, pessoas incompetentes descem*) (647)

鸟向明处飞，人向活处走 *niǎo xiàng míngchù fēi, rén xiàng huóchù zǒu* (*O pássaro voa para lugares claros, o homem caminha para lugares vivos*) (656)

蓬生麻中，不扶自直 *péng shēng má zhōng, bù fú zì zhí* (*A vagem da semente do lótus que nasce em amoreiras torna-se direita sem apoiar*) (685)

人生好似一盘棋 *rénshēng hǎo sì yì pán qí* (*A vida é como um jogo de xadrez*) (786)

人生一世，大梦一场 *rénshēng yí shì, dà mèng yì chǎng* (*A vida, um grande sonho*) (787)

人在屋檐下，怎敢不低头 *rén zài wūyán xià, zěn gǎn bù dī tóu* (*As pessoas têm de baixar a cabeça quando estão debaixo do telhado*) (804)

上梁不正下梁歪 *shàngliáng bú zhèng xiàliáng wāi* (*Se vigas de casa acima não estão em disposição direita, vigas de casa em baixo vão ficar inclinada*) (855)

蛇入筒中曲性在 *shé rù tǒng zhōng qūxìng zài* (*A serpente que entra no tubo ainda tem qualidade torta*) (864)

身正不怕影儿歪 *shēn zhèng bú pà yǐngr wāi* (*Corpo direito não tem receio de sombra inclinada*) (870)

时间就是生命 *shíjiān jiù shì shēngmìng* (*Tempo é vida*) (893)

使珍珠上布上阴影的人，他的心坎上必然沾满灰尘 *shǐ zhēnzhū shàng bù shàng yīnyǐng de*

rén, tā de xīnkǎn shàng birán zhān mǎn huīchén (A pessoa que coloca a sombra na pérola deve ter o coração coberto de pó) (898)

天大的乌云也会散去 tiān dà de wūyún yě huì sǎn qù (Nuvens escuras tão grandes desaparecerão) (973)

天下乌鸦一般黑 tiānxià wūyā yì bān hēi (Todos os corvos são igualmente pretos) (976)

乌鸦的翅膀遮不住光明 wūyā de chìbǎng zhē bú zhù guāngmíng (As asas do corvo não cobrem a luz) (984)

乌鸦抹上石灰, 也变不成白鸽 wūyā mǒ shàng shíhuī, yě biàn bù chéng bái gē (Mesmo que o corvo esteja manchado de cal, não se transforma em pomba branca) (1038)

乌云遮不住太阳 wūyún zhē bú zhù tàiyáng (Nuvens escuras não podem bloquear o Sol) (1038)

无风不起浪 wú fēng bù qǐ làng (Não há ondas sem vento) (1040)

丈夫是妻子的一层天 zhàngfu shì qīzǐ de yì céng tiān (O marido é o céu da mulher) (1278)

真金不怕火 zhēnjīn bú pà huǒ (Ouro real não tem medo de fogo) (1283)

正人不做歪事 zhèng rén bú zuò wāi shì (Pessoa direita não faz coisa inclinada) (1287)

**Provérbios portugueses (listados alfabeticamente):** procurados em Machado, J. P. (org.) (2011).

*O Grande Livro dos Provérbios* (4.ª ed.). Alfragide: Casas das Letras.

A estrutura da lista seguinte vai ser:

Provérbio português (página em *O Grande Livro dos Provérbios*)

A estrela brilha atrás das nuvens. (29)

A inverno chuvoso verão abundoso. (35)

A morte com honra desassombra. (41)

A mulher e a sardinha, quer-se da mais pequenina. (42)

A noite é capa de pecadores. (46)

A sombra passa e a luz fica. (57)

A verdade é clara, a mentira é sombria. (61)

A vida é cheia de altos e baixos. (62)

A vida é um sono de que a morte nos desperta. (62)

A vida humana sem religião é viagem sem roteiro, é navegação sem bússola. (62)

Água preta não dá peixe. (68)

Amizade de genro, Sol de Inverno. (75)

Ano de nevão, ano de pão. (79)

Baixos espíritos nunca acreditam em grandes homens. (109)

Barco de muitos mestres dá sempre à costa. (110)

Branca que casa com negro é preta por dentro. (122)

Branco dançando, negro tocando. (122)

Cada um puxa a brasa à sua sardinha. (131)

Conhece-se o marinheiro quando vem a tempestade. (161)

De alto cai quem alto sobe. (174)

Deus, acima de tudo. (189)

Deus, baixando as ordens, temos só de obedecer. (189)

Deus escreve direito por linhas tortas. (190)

Gente baixa só tem olho no interesse. (258)

Grande mar, grande tormenta. (260)

Homem grande não desce a coisas baixas. (267)

Homem pequeno, fole de veneno (268)

Mãos brancas não magoam. (304)

Mulher sem marido, barco sem leme. (326)

Não há luz sem sombra. (346)

Não se endireita a sombra de uma vara torta. (358)

Não te abaixes por proeza nem te levantes por riqueza. (360)

Nas ondas do mar se criam peixes que nadam bem. (364)

Negro mais se ensaboa mais preto fica. (366)

Nunca de corvo bom ovo. (383)

O corvo não pode ser mais negro que as asas. (395)

O dever acima de tudo. (396)

O tempo e a maré não esperam por ninguém. (422)

O tempo é mestre. (423)

O tempo é ouro. (423)

O tempo voa. (423)

O mal feito à noite de dia aparece. (405)

O mar que é mar nem sempre dá, hoje não dá, amanhã haverá. (405)

Onde há galo não canta galinha. (429)

Os émulos ou as desgraças são sombras inseparáveis dos homens, como a sombra o é do corpo.  
(432)

Pau que nasce torto nunca se endireita. (533)

Quem nasce torto, torto morre. (539)

Quem quiser branquear um preto perde o sabão. (541)

Quem se sujeita ao mar sujeita-se à tormenta. (546)

Tempo é remédio. (601)

Uma onda se vai e outra vem. (623)

Viver é lutar. (636)

Voa o tempo com o vento. (636)